

Eu, Tu & Nós:

crônicas, contos e poemas

Liaki Paha
(org.)



SELO EDITORIAL CINE-FÓRUM UEMS
2023

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

REITOR

Laercio de Carvalho

VICE-REITOR

Celi Corrêa Neres

GERENTE DA UUCG

Djanires Lageano Neto de Jesus

**COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Mestrado
EM LETRAS**

Dr. Andre Rezende Benatti

**COORDENADOR ADJUNTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Mestrado EM LETRAS**

Dr. Altamir Botoso

COMITÊ EDITORIAL

Coletivo Cine-Fórum UEMS

CONSELHO CIENTÍFICO E LITERÁRIO

Msc. Adrianna Alberti (UFMS)

Dr. Altamir Botoso (UEMS)

Dr. Alan Silus (UFMS)

Msc. Amanda Angelozzi

Dra. Carolina Barbosa Lima e Santos (USP/UFMS)

Debora Consiglio

Dra. Edileuza Penha de Souza (UnB)

Kenny Gabriel Teschiedel

Msc. Larissa Ferreira Rachel Ortigoza (UEMS)

Lilian Solá Santiago (USP)

Msc. Mario Marcio Felix Freitas Filho

Msc. Victoria Nantes Marinho Adorno

Eu, Tu & Nós:

crônicas, contos e poemas

Liaki Paha
(org.)

Copyright © 2023 CINE-FÓRUM UEMS

ISBN: 978-65-996014-2-2

DIAGRAMAÇÃO

Renan da Silva Dalago

DESENHOS

Letfzia Pereira Silva

Maurício Cintrão França

Thiago Silva de Moraes

Miriam Araujo Nascimento

ILUSTRAÇÕES DOS CAPÍTULOS

Pedro Henrique da Costa

@men7as

CAPA

Renan da Silva Dalago

As opiniões expressas pelos autores pertencem a eles e elas e não refletem necessariamente a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Esta obra possui finalidade literária, de caráter reflexivo.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro (dos textos aos desenhos e ilustrações) podem ser reproduzidas por quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos autores e detentores do direitos.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Eu, tu & nós : crônicas, contos e poemas /
organização Liaki Paha. -- 1. ed. --
Campo Grande, MS : Cine-Fórum UEMS, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-996014-2-2

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
 2. Crônicas - Coletâneas - Literatura brasileira
 3. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira
- I. Paha, Liaki.

23-154072

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

EU 11

A CAÇADA DO LOBO

Letícia Pereira Silva _____ 13

EU-MÃE-NATUREZA

Noah de Aguiar Pinho _____ 15

AMOR, QUASE IMPOSSÍVEL

Wanessa Rodvalho Melo Oliveira _____ 27

CORAÇÃO DE OURO

Renan da Silva Dalago _____ 37

MARTELO DE VIDRO

Antonius Gerardus Maria Poppelaars _____ 45

TU 57

DIALÉTICA

Maurício Cintrão França _____ 59

INTERESSES DOS EXTREMOS CRONOLÓGICOS

Ismar dos Reis Magalhães _____ 61

OLHARES QUE ENCANTAM

Maurício Cintrão França _____ 71

APRISIONAMENTO

Kévia Daniele da Silva _____ 77

MEMÓRIAS DE QUEM JÁ PERDEU ALGUÉM: RELATOS DE AMIGOS E FAMILIARES

Lígia Chaves Ramos dos Santos e Janaína dos Santos Miranda _____ 83

PONDERAÇÃO DO INSTANTE

Anna Costa _____ 89

QUANDO NÃO SOBROU QUASE NADA

Jardel Lucas Garcia _____ 93

NÓS 103

CORRIDA DAS LOLZEIRAS

Thiago Silva de Moraes _____ 105

VOZES EXISTENTES NUM MOVIMENTO ESTÁTICO

Aldeneide Araujo Nascimento _____ 107

AUTOMOVILLE

Wayner Tristão Gonçalves _____ 111

EU SOU PUTA!

Kévia Daniele da Silva _____ 117

VI O AR

Victor Finkler Lachowski _____ 121

AO ACORDAR

Aldeneide Araujo Nascimento _____ 129

AULA DE GEOGRAFIA

Durval Rabelo Guimarães Filho _____ 133

O HOMEM QUE DEVIA A EXÚ

Felippe Pimenta Rodrigues de Oliveira _____ 141

DESENVOLVER

Miriam Araujo Nascimento _____ 157

MEU SERTÃO MORAVA NA ALDEOTA

Aurora Almeida de Miranda Leão _____ 163

UMA ÁRVORE NA CALÇADA DA CIDADE DE CONCRETO

Mariana Cunha Bhering _____ 171

UNOJOUR

Fernando Guimarães Saves _____ 177

CONVITE À VIDA! VEM COMIGO

Miriam Araujo Nascimento _____ 181

VEM COMIGO

Miriam Araujo Nascimento _____ 187

SOBRE OS AUTORES

_____ 189

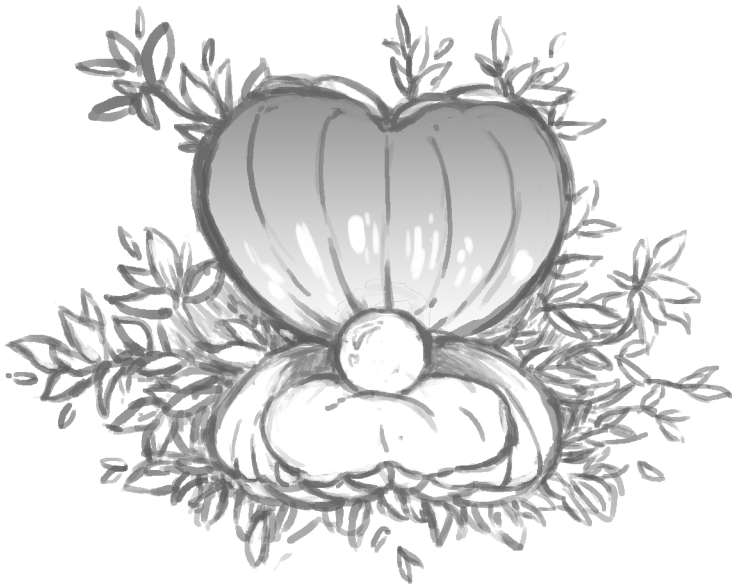
Eu

que só queria viver em liberdade



EU-MÃE-NATUREZA

Noah de Aguiar Pinho



Fim do expediente e início de um extenso feriado. Meu ânimo estava irradiante, de forma que meu caminho de volta para a casa se deu com um sorriso largo, que reluzia como o branco do branco de um pequeno lírio, recentemente abolido do broto sob o primeiro sol. Os feriados têm um efeito especial, meio juvenil, que permitem um extravaso sincero diante do movimento adulto, propagando frescor enquanto a realidade é cambiada pelo efeito onírico.

No carro, de volta para a casa, desci o morro com deleite enquanto mirava o pôr-do-sol sanguíneo, que pintava o céu com a mesma vibração de minha astúcia interior, ruborizada: vermelho potência. Na minha cabeça, um atíço me percorria os ânimos, que me fazia discorrer, milimetricamente, cada fresta de meus planos, como se desse replay em uma extasiante cena cinematográfica, cujo prazer é dado pela repetição: de casa, sairia para encontrar meus amigos em um concerto de música popular, no coração da cidade, onde o esquecimento da vida mecanizada seria uma grande ferramenta catártica para a liberação carnavalesca. De casa, à folia. De casa, ao amor.

A expectativa de lançar sorrisos infundáveis diante de outros sorrisos, repletos de maresia, me deslocava do automóvel. A noite seria eterna, sem previsão de volta. A esperança me contagiava de grandes encontros e reencontros. O possível entrelaçamento com o Outro me içava para uma aventura inovadora e inédita. Curvando a rua de minha casa, o coração derretia para o estômago, picando o meu íntimo com um frio apetitoso.

Em meu quarto, retirei do guarda-roupa meu vestido verde escuro, recém-adquirido, que me cobria até os pés, acentuando minhas curvas e exaltando o peitoral – o caimento me delineava como um monumento. Roupas belíssimas! Belíssimas! Um prado que me

fazia deslizar os dedos por todo o tecido, percorrendo toda a textura como se sugasse o tutano de uma obra de arte. Na maquiagem, aqueitei minha pele com loções e iluminadores, dourando a minha superfície para fazê-la cintilar nas luzes do espetáculo. Frente ao espelho, antes de subir o zíper, apalpei, por um instante, o que me assolava: estrias, excesso de gordura e marcas de tempo. Por um instante, um desagrado.

Ao chegar no concerto, com antecedência, parei em uma mesa redonda contígua, pousando o meu cotovelo sobre ela. Fitei os meus olhos pelo ambiente escuro, observando-o em silêncio. O local estava repleto de luzes, e o cheiro estava marcado por uma mistura de essências e perfumes, formando uma unicidade indefinível. No palco, homens e mulheres desfilavam com brilhantismo, dançando ao som da vida, com muita bandeira e cor, sob o canto popular. Do chão, se sentia a vibração das ondas emitidas pelos ritmos, que estremeciam dos pés aos tímpanos, tocando o coração com eferescência. Enquanto meus amigos não chegavam, pousava como lustre, encarnando beleza e sensualidade. Era o meu chamado.

— Olhos de águia, grandes e amarelados! Solteira? — disse um homem, encostando suas mãos em minha cintura.

Ele não era bonito. O seu nariz possuía uma anatomia irregular, que puxava para baixo, destoando todos os traços restantes. Sua fantasia, no entanto, era vigorosa: uma arara-azul.

Diz-se, há muito tempo, que as araras vivem em pares, em eterno afeto, dividindo funções para a constituição de um lar, mesmo após o fim da reprodução. Fascinantes! O amor é levado à selvageria por estes grandes cobaltos, quase como prova, relevando-se superior diante de um instinto tão silvestre. Se há horizonte para eles, então haveria de ter para nós.

— Sim! Meu nome é Irene. Qual é o seu? — respondi decididamente, quase apaixonadamente.

O homem imediatamente se aproximou de mim, encostando seu extenso nariz em minha bochecha esquerda, quase o sentia como um bico largo e forte.

— Irene, que tal irmos para o meu carro? De lá, poderemos conversar melhor...

Logo que pronunciou as suas palavras, me tomou pela mão e me direcionou à saída e, posteriormente, ao seu carro. Sua impetuosidade alarmava as minhas expectativas. Eu não temia a atitude. Há muito tempo que me extasiava pelo toque verdadeiro, que me vibraria bilateralmente, de dentro para fora e, depois, de fora para dentro.

O veículo estava no fim da esquina, rente à curva de uma escura rua paralela. O ambiente estava escuro, gerando camuflagem. Mesmo distante, era possível visualizar a fachada do evento, sempre barulhenta, brilhante e movimentada. Ao entrarmos no carro, o silêncio se perdurou, misturando-se à sensação abafada do novo ambiente, que levantava o cheiro dos bancos e tapetes.

— Irene, vem cá...

O homem me tomou a nuca com as duas mãos, apurando o meu pescoço com o seu olfato. Enquanto ele me agasalhava com sua pele, meus olhos continuaram fitando a entrada do evento. O meu coração se sentia asfíxiante, como se tivesse que me atraiçoar, por um instante, para receber lampejos do que sempre ansiei no secreto. Para incender o desejo, eu me imaginava como um objeto de descobrimento, sendo que ali eu era a primeira a lhe revelar o prazer de sentir, verdadeiramente, a fricção erótica e profunda que conserva o Outro.

Meus olhos, atentos, continuaram fixados na fachada até assistirem à chegada de meus amigos, cumprimentando-se entre beijos e calor. Eu os saudava de longe, com ternura, fazendo-me presente pela transmissão empática enquanto me encontrava encoberta pela dominância animal, na confiança de extrair um pouco de amor da selvageria. O meu corpo era cedido livre e espontaneamente, por paixão, ao desconhecido. Enquanto ele me devorava, eu o abraçava com o imenso verde que me delineava monumentalmente – imenso verde, impreterível, e por vezes passível, tal qual a mãe-natureza, quando transgredida. Alí, eu fazia parte de seu ninho azurino. Na entrega final, cerrei os meus olhos e submeti a minha vida.

Ao acordar nos aposentos do forasteiro, reuni minhas peças e corri ao banheiro. O sol havia acabado de raiar, e eu me produzia, apressada, no espelho, resgatando os vestígios da realidade: sonhar já não era preciso.

Da bolsa, retirei todos os meus adereços: perfumes, maquiagens e pasta de dente. Era preciso agilidade e destreza para me recompor naquele ambiente, em plena aurora. Assim que os ajustes foram dados, apressei-me à cama, vestindo a camisa que o homem utilizava na noite anterior, em nosso encontro. Por um instante, puxei o pulmão e traguei o seu cheiro com vigor, trazendo-o de volta para dentro de mim. O encantamento de me envolver, através de todos orifícios, com o Outro, era delicioso. Ao deitar no leito, mirei-o por poucos segundos, com satisfação.

— Onde você mora? — pronunciou o homem, sem abrir os olhos.

A sua pergunta era diretiva, e me anunciava que a noite havia sido apenas um momento, e não uma extensão dele, cantada

em ode no infinito. Em semelhança, pronunciei, maquinalmente, o meu endereço. Ele imediatamente se pôs de pé, se vestindo com as primeiras peças que alcançava ao seu dispor. O homem tinha pressa. Antes de sairmos, finquei os olhos em uma grande aliança dourada, deixada sobre uma mesa do quarto.

O caminho de volta para a casa se deu em silêncio absoluto. Era o recinto ideal para a sensação da inutilidade. A ardência do novo sol reagia inconvenientemente, castigando os olhos e a realidade por luz e exatidão. Era preferível a cegueira.

De soslaio, no canto da amargura, me queixei, em segredo, da modernidade casual, que achata o essencial das relações por meio da barganha do gozo rápido, substituível. Eu queria o gozo infinito, mas aceitava a subalternidade em me diminuir a fim de resgatar a integralidade do Outro – era impossível viver debaixo do reflexo da solidão. Eu-salvadora? – Apenas salvadora?

Na angústia, balouçada pelo automóvel, questionava, sem o intento de receber qualquer resposta: o meu desespero pelo congêrie amoroso é só um reflexo arbitrário do que o mundo exige? O amor é meu ou de estante? Minha cabeça rondava de questionamentos lancinantes. Seria a solidão realmente melhor do que a partilha dos enamorados? Não, não. Era preferível a (minha) mentira. No final das contas, seríamos nós apenas dois pobres, com carências diferentes? Seria justo. Mas onde estaria o amor se há apenas produtos de experimentação? Seria a minha esperança feita de porcelana? Eu poderia amá-lo sem pedido ou demora – e ele, poderia? Eu estava à venda, recebendo pechincho.

Tensão.

Continuava mirando para as minhas imperfeições corporais disfarçadamente diante do estremeção das ruas esfarrapadas – te-

riam sido elas as razões de nosso desencontro imaterial? Se sim, minha etiqueta estaria vencida... Deus, pensava, o que faria eu diante de uma ânsia por um sentimento tão obsoleto, tendo eu um teor quase espiritual e absurdo? Sentia tudo dentro de mim, e nada fora.

O homem seguia o trajeto com cansaço, quase parando nas enunciações de cada placa de trânsito, demonstrando ausência quase integral. Ele se dirigia à minha casa em pleno automatismo, expelindo indícios de costume à vida noturna e ao relacionamento abrasante, exclusivo e totalmente avulso.

Dizem que as araras-azuis estão quase extintas, aquele homem era apenas um manequim.

Ao chegar em casa, retirei a sua camisa e a estendi no armário. Era mais uma camisa, diante de todas as outras, que se acumulavam como coleção de uma busca incessante, quase tão inútil quanto a minha objetificação – parâmetro de meu fracasso. Por fora, uma fúria me erguia com arrependimento e aflição; por dentro, a esperança se renovaria em poucos instantes. O amor era um vício que nunca poderia ter, mas que ganhava brilho a cada nova oportunidade.

O tempo passou, e eu era ainda a mesma, com exceção de minha saliência. Minha barriga estava gorda, estufada como o círculo solar. Era a gravidez. Eu crescia com estranheza. Sentir o próprio crescimento, moldado por outra vida, me acometia com assombro. Não era possível ser a mesma diante de uma mudança evidente. Sempre que recordava o meu nome, me refazia de abismo – Irene, grávida: eu. Irene, grávida: eu.

Irene sou eu, mas quem era aquela criatura que ascendia em mim? Não a via, mas a sentia como eu, mesmo com a ciência e as

informações lastradas do mundo, sentia como eu. O que era aquilo, senão o reconhecimento da igualdade plena? Na minha barriga: o mundo. Se todos derivam de um berço corpulento em comum, como seria possível armar o ódio contra a unicidade que nos emballa? Estranho. Os meus pensamentos me torpeciam. Por outro lado, um alívio: finalmente, eu geraria e vivenciaria o inédito, cuja uma nova identidade seria gerada pela existência. Minha existência – eu importava! Mas quem eu era? Eu não era Irene. Não, eu não era. Parte de mim sempre reconheceu um eterno, sem molde, que brilha por conta própria ao se encaixar no mundo e nos elementos que o caracteriza. O que era eu senão um aglomerado de porções infinitas e sensíveis, que dirigem um roteiro carnosos? A vida que crescia em mim me construía de interrogações cimentadas de espanto.

Por fora, eu encarnava a rejeição de criar uma criança solo; por dentro, eu lampejava de pertencimento, novamente em secreto. Eu queria a criaturinha – queria como uma oferta de abundância e naturalidade. Quando me vi, observei: era nós.

O vento invernal assoprava por todo o jardim enquanto um líquido quente escorria para a cavidade externa de minha genitália, abrindo-me para o irremediável. Minha barriga brilhava quente de limite, assemelhando-se a uma grande ostra, que se revela inadvertidamente, dando boas-vindas à formulação de um invasor bem-quisto e precioso: a pérola – era a criaturinha humanizada.

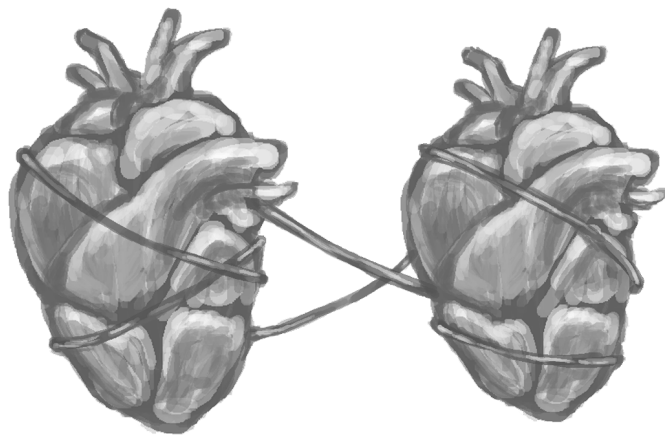
Aos gritos, fui socorrida pelos meus membros da tradição. A família se reunia, como em uma data comemorativa, recebendo as bonanças da mudança, dirigindo-me ao veículo para o encaminhamento hospitalar. No caminho, o vento cortante era prenúncio de velocidade e inovação.

Prostrada na maca, minha força era resumida por gritos reju-

venescedores, que me preparavam para um teste guerrilheiro. Eu era posta às provas pela vida ou pela morte ao parir uma raridade: Rita, Ritinha, minha menina. O choro elementar do novo ser me consentia o espírito, que emudecia todas as minhas argumentações ao me dar um reconhecimento imediato: eu era a mãe-natureza, bem reconhecida, ativa, imortal, renovada e não-transgredida. De mim, e do não mundo, não precisava de nada mais, nem de manequins, apenas da eficácia incorrupta e impassível de minha própria fonte, altivamente feminina. O amor era, enfim, vivo e bilateral, de dentro para fora; e de fora para dentro. Por um extenso momento, um agrado.

AMOR, QUASE IMPOSSÍVEL

Wanessa Rodovalho Melo Oliveira



No alto de uma montanha existia um vilarejo construído por pessoas simples e trabalhadoras, lugar de muito verde e tranquilidade. Nele, viviam Mel e sua família. Ela estava sempre correndo pelos campos e sonhando acordada. Sonhava em viver o amor que faria com que seus olhos brilhassem e suas mãos gelassem. Menina encantadora, meiga e sensível, esperava todos os dias Davi sair para cuidar das cabras para, ao menos, sentir seu cheiro.

Davi era moço bonito, simpático e romântico, e essas características não passavam despercebidas pelas moças do vilarejo, estavam sempre em busca de uma boa conversa com o rapaz, que apressadamente, com seu olhar sedutor, aproveitava todas as oportunidades que surgiam, mantendo-se sempre muito ocupado, sem perceber a existência de Mel, que continuava se esforçando para que ele a notasse.

O tempo passou, a menina meiga desabrochou como uma rosa, no tempo certo, tornou-se vistosa. Davi logo percebeu que Mel estava diferente e, aos poucos, as conversas ficaram mais demoradas. Davi em sua bicicleta acompanhava a moça todos os dias na volta da escola, rotina que virou um vício, com sentimentos sem explicação. Mas os pais de Mel também perceberam suas mudanças, já que agora queria estar sempre bonita, além de parecer ainda mais boba, pois gastava muito tempo observando as estrelas e imaginando como seria se pudesse viver esse amor de verdade. Seu pai, muito sistemático, proibiu a menina de sair sozinha, dificultando cada vez mais seus encontros com Davi.

Certo dia, uma notícia muito triste abalaram toda a família, a avó de Mel que morava na cidade, estava enferma e precisava de maiores cuidados. A mudança para lá foi então providenciada, mas Mel não acompanhou seus pais, permaneceu no vilarejo com sua

irmã até o final do ano letivo. Essa foi a oportunidade tão esperada para, finalmente, ficar ao lado do seu amado.

No entanto, o final do ano chegou e com ele a triste despedida, que deixou os dois apaixonados desolados. Mel mesmo descontente, com o coração despedaçado e os olhos banhados em lágrimas, não conseguia conter o desespero que invadia a sua mente e sangrava a sua alma, foi morar com a sua família na cidade.

A distância tirou dos jovens a oportunidade de viver o tão sonhado romance. Mel sentia muito a falta do seu amado, não conseguia tirá-lo dos seus pensamentos e estava sempre a se perguntar se assim como ela, ele também a mantinha presente em seus pensamentos. Passaram-se alguns anos e, finalmente, a família retornou ao pequeno vilarejo. Davi continuou a sua vida, mas os seus olhos buscavam, insistentemente, a contemplação da doce Mel.

O amor agora se tornou impossível porque os dois estavam em relacionamentos diferentes. Porém, na memória dos apaixonados persistia o sonho do baile da escola, onde dançaram a música romântica que embalou os abraços calorosos, fazendo com que aumentasse entre eles, o desejo de constituírem uma família e, morarem numa casa aconchegante com dois filhos e dois cachorros.

Apesar de estarem por tanto tempo separados, Davi não conseguia disfarçar que o sentimento do amor ainda estava vivo dentro dele e, certo desses sentimentos, acreditou na possibilidade de um recomeço, por isso, encheu-se de coragem e resolveu procurar a sua amada. Sentiu-se feliz em fazer isso, mas sua felicidade não durou muito, já que Mel deveria voltar à cidade para dar continuidade aos seus estudos.

Davi sentiu muito medo de perder, novamente, a oportunidade de ter sua Mel de volta, por isso, teria que tomar, rapidamente,

uma decisão, pois nunca imaginou viver longe do lugar que nasceu, já que idealizava construir uma família naquele vilarejo.

Diante desse conflito, ficou no impasse entre ir ou não para a cidade e, assim, recomeçar sua vida perto do seu grande amor. Porém, mais uma vez deixou a oportunidade escorregar pelas suas mãos e voltou à sua pacata vida, mas o imenso vazio continuou em seu peito.

O rapaz, cansado de sofrer, dedicou os seus dias à procura de uma pessoa que pudesse ocupar o lugar de Mel, mas essa tentativa não estava surtindo efeito, posto que o sorriso da amada e as lembranças dos poucos momentos que construíram juntos, não saíam da sua memória e, cada vez mais, a esperança de esquecê-la, parecia impossível. Seus relacionamentos eram sempre frustrados e, por isso, não duravam muito tempo, apesar disso, Davi não teve coragem de deixar seu orgulho de lado e, novamente, investir no amor.

Mel estudou, concluiu a faculdade, tornou-se uma mulher de sucesso, independente e ainda mais bonita. O tempo passou, mas o seu inconsciente não deixou de cobrar o amor mal resolvido do passado.

Em uma noite fria e de muita chuva, diante de mais uma separação dolorosa em meio aos seus relacionamentos frustrados, Davi, depois de tomar o último gole de vinho, decidiu procurar por Mel. Encheu-se, então, de coragem, e, apesar do mau tempo, resolveu ir até a cidade na esperança de resolver de uma vez por todas as pendências relacionadas ao amor do passado. Estava escuro e chovia muito, mas Davi absorto em seus pensamentos, dirigia sem saber exatamente se o carro estava na estrada ou fora dela. Após um bom tempo ao volante, já bem perto da entrada da cidade, repentinamente, percebeu algo se movendo na estrada, bem próximo

ao seu carro, era um animal de porte grande, mas não havia mais tempo para evitar o choque. Acontece então, um terrível acidente e o carro capota.

Alguns moradores da redondeza ouviram um barulho assustador e saíram para ver o que havia acontecido. Avistaram luzes e dirigiram-se ao local. Encontraram Davi inconsciente. Imediatamente, chamaram o resgate, que não demorou muito a chegar ao local do acidente e a socorrer o jovem rapaz que estava entre as ferragens.

Após o árduo trabalho para retirar Davi das ferragens, levaram-no, imediatamente, ao hospital. As enfermeiras realizaram os processos de monitoramento e os médicos concluíram que ele precisava ser submetido, urgentemente, a uma cirurgia, pois sofreu traumatismo craniano e, por isso, havia um coágulo que precisava ser removido o mais rápido possível. Seu estado de saúde era crítico e o risco de morte era eminente.

Durante a cirurgia uma anomalia foi observada, por esse motivo os médicos responsáveis pelo caso solicitaram a presença da chefe do serviço de neurologia para auxiliá-los, pois o paciente não estava bem e, a vista disso, precisavam tomar decisões importantes. Assim fizeram, e aconteceu que a cirurgia foi um sucesso.

Davi, enquanto estava inconsciente, teve muitos pensamentos que mais pareciam reais. As memórias voltavam à mente como se fossem fotografias. Lembrou-se das promessas, dos planos que haviam feito juntos, do riso fácil e das músicas tocadas que remetiam os pensamentos à sua amada, dos registros nas redes sociais, cujos desabafos não eram entendidos, do sentimento de solidão e da frustração por ter perdido o seu grande amor.

A especialista em cardiologia acompanhada pelo médico res-

ponsável pela cirurgia foram visitá-lo. Uma lágrima rolou pelo canto do seu olho quando começaram a explicar todos os procedimentos adotados pela equipe médica para salvar sua vida, mas Davi não conseguiu prestar atenção em nada do que disseram, pois sua atenção estava voltada para a imagem da linda, encantadora e meiga, médica, que o olhava muito emocionada.

A médica, conhecida como Doutora Melissa Ferreira, era a sua Mel, o seu amor do passado, que com muito pesar explicou que o acidente lhe causara uma seqüela, sua fala estava comprometida. Davi, ainda sem conseguir prestar atenção no discurso da amada sobre seu caso, esforçava-se a todo o momento em dizer que a amava, mas sua voz não saía. Apesar disso, ele não desistiu, olhou profundamente dentro dos olhos da médica, colocando sua mão delicada sob o peito da jovem em um gesto de reconhecimento.

Mel estava assustada, não sabia como lidar com a situação, pois de repente seu passado retornou de maneira inesperada. Naquela mesma noite seu noivo foi buscá-la no hospital, mas percebeu que ela estava triste e quieta. Mel explicou do que se tratava, um rapaz, morador do vilarejo onde ela nascera, estava internado. Porém, seu noivo não gostou nenhum pouco de saber dos motivos de sua preocupação.

A partir desse acontecimento, Mel não foi mais a mesma, pois tinha medo de sofrer novamente e, por isso, resguardava-se atrás do seu jaleco quando visitava Davi, que tentava em vão falar com ela, já que sua voz não saía. Contudo, o medo desesperador de perdê-la novamente fazia com que gritasse, tentando, assim, persuadi-la mesmo sabendo que não ia ser ouvido, mas não tinha êxito.

Mel por estar comprometida não se permitia olhar nos olhos

de Davi, que com o passar de alguns dias teve sua voz recuperada. Quando a doutora deu a notícia que receberia alta no dia seguinte, ele aproveitou a única oportunidade que tinha e, disse bem baixinho, com sua voz fraca: vim por você!

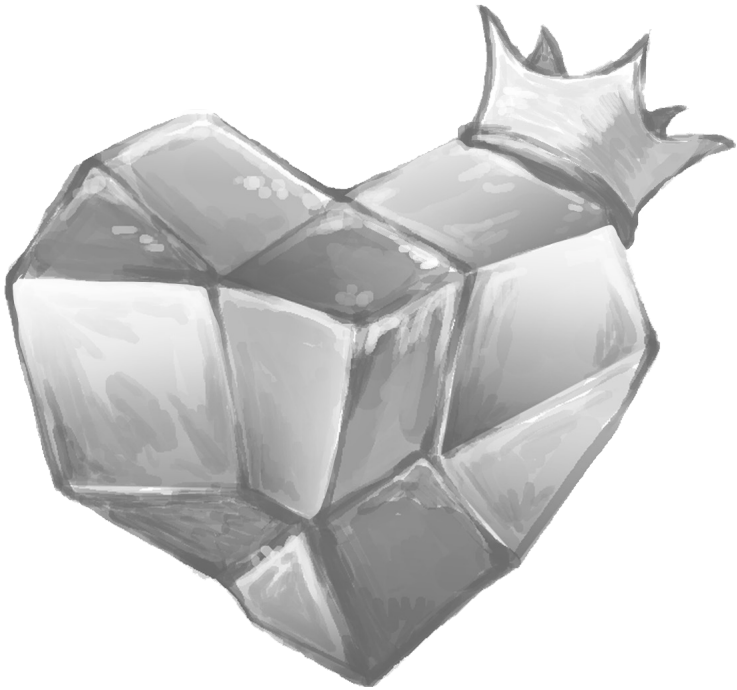
Mel começou a chorar ao ouvir as palavras pronunciadas por Davi, que na oportunidade também disse que a amava. Diante daquele clima, ela não conseguiu resistir ao sentimento adormecido que havia dentro de seu peito e o abraçou. A emoção foi tão grande e forte, que Davi novamente ficou entre a vida e a morte, pois seu coração parou. Mel apesar do desespero que sentiu ao ver seu amado naquelas condições, apressadamente, começou a fazer massagem cardíaca, gritando para que uma enfermeira a ajudasse com o desfibrilador e com os demais procedimentos necessários para reanimá-lo. Mel se viu perdendo novamente o seu amado e, em lágrimas, enquanto fazia o possível para salvá-lo, jurou nunca mais perdê-lo de vista.

Davi ficou em coma e, mais uma vez os dias foram intermináveis. Mel sem expectativa de poder tê-lo novamente em seus braços, parecia reviver o momento de quando esperava Davi passar para cuidar das cabras e, assim, poder sentir o seu cheiro. Agora, diante de tudo que aconteceu, não podia mais continuar com seu atual relacionamento, precisava terminar o noivado e dedicar-se a cuidar do seu amor de infância. E assim fez!

Após quinze dias nessa situação, aos poucos Davi foi se recuperando e Mel esteve sempre ao seu lado, não só como médica, mas como aquela menina que sonhava acordada ao contemplar as estrelas e a esperar o príncipe encantado que a faria feliz por toda a vida.

CORAÇÃO DE OURO

Renan da Silva Dalago



14 andares, 200 consultórios, 120 salas de internações, 6 mil médicos, o mais moderno da América Latina, em 1999 tornou-se a primeira instituição de saúde fora dos Estados Unidos a ser reconhecida pela *Joint Commission International* (a certificadora de serviços de saúde mais importante do mundo).

É considerado uma das melhores instituições médicas latino-americanas e configura-se como um complexo de saúde cujo foco de atuação está nas áreas da medicina de alta complexidade. Por isto, se tornou referência na prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças na área da cardiologia, oncologia, ortopedia, neurologia e cirurgia. E este é o imponente Hospital Israelita Albert Einstein, funcionando a 65 anos em um dos bairros mais nobres de São Paulo.

E nesse imponente hospital que flui entre a tecnologia, o futuro da medicina e a morte, que está Lucia, no quarto 7, no sétimo andar. Neste quarto um pouco gelado pela manhã e mais ameno a tarde, em meio ao Morumbi, entre sons de carros e motos, ela sobrevive e sonha.

Lucia não tem coração e sonhadora como é, diz ser um robô, às vezes ela também diz ser uma “listren”, ninguém ali sabe o que é uma *listren*, mas Lucia sabe. *Listren* é onde ela mora dentro do seu mundo, fora do nosso, porque neste aqui ela veio com olhos lilás, com um coração que por funcionar tão mal teve que ser retirado do seu corpo e colocado nela um *by-pass*, que é uma espécie de aparelho que mantém ela sem coração, mas viva!

O coração de Lucia não bate mais no peito, ela não o sente pulsar e isso já faz um ano. O último problema de Lucia é que no mundo onde ela não é *listren*, este ser mítico que ela mesmo criou, ela tem um tipo sanguíneo raro chamado de “sangue de ouro” pelos médicos, e por isso, um coração pra ela não é tarefa fácil.

O sangue de ouro é encontrado apenas em mulheres, até hoje em todo mundo foram 63 casos, Lucia era um deles, mas além do sangue nas veias, o coração também não pulsava. Mas o problema, caro amigo leitor, é que nós humanos, nós seres não *listren*, quando amamos alguém, podemos ser capazes de coisas inimagináveis.

Naquele quarto as vezes gelado, as vezes ameno, Lucia era visitada por apenas duas pessoas que podiam vê-la, Claudia, sua mãe e Roberto seu pai. Sua mãe, era uma psiquiatra renomada em São Paulo e seu pai um dos maiores cardiologistas daquele hospital, mas Roberto não podia cuidar de Lucia, era contra as regras.

Mas havia uma coisa que para Roberto, não era contra as regras, descobrir quais eram as outras 62 pessoas com o sangue de ouro. Roberto, dentro do maior hospital da América Latina, um dos mais ricos do mundo, não demorou muito para encontrá-las: Joana, Vivian, Amanda, Katia, Jus, Lilian, Julian, Cris, Hvizh, Strin, Orion, Alister, Roberta, Honicof, Karen, Adriane, Loueine, Thaine, Thais, Agatha, Joice, Josephine, Astrid, Loved, Bruna e Sara. Estes eram os nomes cadastrados no sistema do Hospital, 4 já haviam morrido, 12 não moravam no país, 5 tinham por volta de 90 anos, 5 tinham doenças associadas como câncer ou HIV, por sorte, sobrava uma, Sara, uma senhora de 50 anos, saudável que só sofreu uma fratura no pé durante uma de suas exposições de arte em São Paulo.

Em seu laudo constava que ela morava na Ilha das Couves no interior de São Paulo.

Domingo – Jornal Local – a Chamada Dizia.

“Arrebatador de Corações - Artista Plástica de 50 anos é morta e tem o coração arrancado do corpo, policiais fazem buscas para encontrar autor do crime”

Segunda-Feira - 01h40 da Manhã

- Filha acorda.
- O que você está fazendo Papai?
- Papai vai te dar um coração novo, agora você vai ser a *listren* mais linda do mundo e com um coração novo filha.
- Verdade, Papai?
- Verdade, filha, mas temos que correr antes que os *lorens* peguem a gente!
- Quem são os *lorens* papai?
- Os *lorens* são criaturas más que querem pegar o seu novo coração filha, temos que correr, o papai vai te preparar e quando você acordar você terá um coração novo.
- Então vamos papai.

Segunda-Feira – 06h40 da Manhã.

Coração colocado, pronto, funcional, um coração de ouro, em um sangue de ouro. Acabou, a cirurgia acabou. A polícia entrou, invadiu. O médico, o pai, ajoelhou, colocou a mão suja de sangue atrás da cabeça e deitou no chão. Para ele pouco importava o que poderia acontecer a partir dali, sua filha estava salva, com um coração pulsando no peito de novo.

Lucia acordou algumas horas depois e descobriu que os *lorens* tinham pegado seu pai, mas não seu coração, ela estava feliz e triste ao mesmo tempo, agora ela era a mais importante de todas as *listrens* de seu reino, porque no seu reino, uma *listren* com coração era também uma rainha!

O problema caro amigo leitor é que a vida possui surpresas no seu caminhar, 2 meses depois da cirurgia, naquele agosto de 2017, enquanto Roberto fora preso e condenado com 7 anos de prisão e a retirada de seu CRM, Claudia recebera em seu apartamento uma notificação judicial, ninguém esperava por aquilo.

Ela abriu, a notificação dizia que ela, Claudia Calhares Pontes e Lucia Calhares Pontes, a *listren* rainha de seu reino, estavam sendo intimadas por Suraia Josephine Couver, filha de Sara, a intimação era clara, a filha de Sara, queria o coração de volta e isso seria resolvido na justiça.

Infelizmente caro amigo leitor, eu não sobrevivi para saber se aquele coração foi deixado dentro da menina ou devolvido à filha de sua dona original. O que sei é que aquela notificação judicial virou um espetáculo midiático que durou 4 anos.

Talvez eu seja um crápula, talvez eu seja humano ou talvez eu seja um *litren* ou um *loren*, mas talvez acho que eu teria feito o mesmo e eu espero que aquela menina tenha ganhado o coração e ficado com ele. A pergunta é, até onde a justiça e amor podem ir, quais os limites e as barreiras senhor leitor?

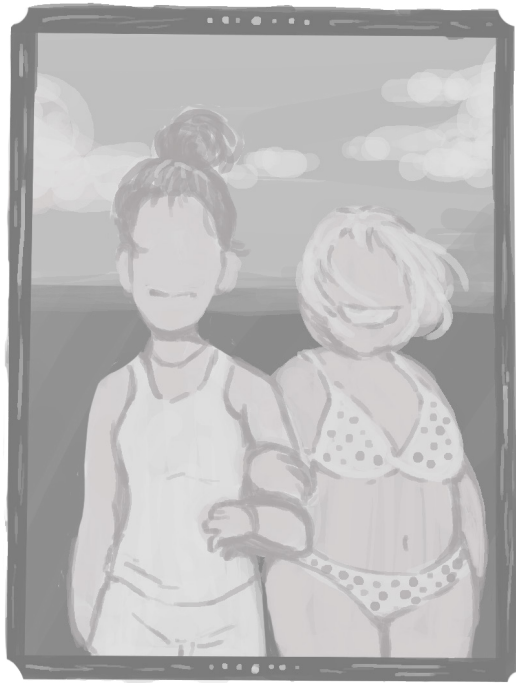
Bem, eu não sei, só sei que sei que as vezes a vida é injusta pra uns e justa pra outros.

Com amor e afeto.

Josué Calhares Pontes, filho de Roberto e Claudio, irmão de Lucia, aquele que retirou o coração de Sara, morto envenenado em abril de 2020 por sua filha Suraia.

MARTELO DE VIDRO

Antonius Gerardus Maria Poppelaars



Ainda há o cheiro da comida chinesa no austero apartamento de dois quartos. Poucos móveis; uma mesa, um sofá de dois lugares, um armário de TV. Nas paredes, pintadas de azul claro, está pendurado um pôster emoldurado com tulipas brancas e vermelhas e uma foto de férias com duas mulheres na praia. As mulheres têm cerca de 25 anos e estão de braços dados. A mulher da esquerda é alta e esbelta, vestindo short branco, regata branca, os cabelos castanhos em um coque. Ela olha para a lente com um sorriso frugal. A outra mulher é um pouco menor e mais cheia. O cabelo curto cor de areia esvoaçada ao vento. Ela usa um biquíni pontilhado vermelho e branco. Ela sorri de orelha a orelha.

O laptop velho e rançoso finalmente dá um sinal de vida. ‘Qual é a diferença de horário, cinco horas?’ Agora posso ligar pelo Skype’. Ela aumenta o volume. A conexão é estabelecida rapidamente. O largo sorriso de sua irmã é claramente visível desta vez. ‘Bem, desta vez a conexão está melhor. Como você está?’

‘Não está chovendo hoje. Quando a época de chuva chega, a conexão da internet fica complicada aqui. Como você está? Você está comendo direito?’

‘Comida chinesa hoje. Não estou com vontade de cozinhar’.

‘Você me deixa com ciúmes, os restaurantes chineses aqui não têm satay, bolachas de camarão, e babi panggang. A comida neste país está me deixando louca. Sempre como a mesma coisa!’

‘Então por que você não cozinha para si mesma?’

‘Meu marido atencioso arranjou uma empregada. É ela que sempre cozinha’.

‘Que chique! Uma empregada! E eu aqui nesta porcaria.’

‘Você está desempregada de novo, querida irmã? Então por que você não vem aqui por um tempo? Estou entediada, fico em

casa o dia todo com a faxineira. Você pode ficar aqui por três meses com um visto de turista’.

‘Mas como eu pago tudo isso? Dependo desses trabalhos temporários. Nunca tenho um contrato fixo!’

‘Então, o que tem a perder? Você paga a viagem, nem se preocupa pelo resto. Dormir e flutuar na piscina, a única coisa a fazer neste fim do mundo. Você pode relaxar um pouco’

‘Você tem razão. Ainda tenho algumas economias. Vou reservar um vôo amanhã’.

Um aroma inebriante, macio e doce de bananas maduras a encontra quando sai do saguão de desembarque depois de um longo vôo. Ela vê palmeiras altas, flores amarelas nos ipês, plantas suculentas vermelhas em gramados verde-escuros. Ela está encantada e confusa.

‘Finalmente, chegou cunhada!’

Surpresa, ela olha ao lado. A voz vem de um homem com uma constituição robusta. Ele veste bermuda, camisa de manga curta e anda de sandália. É o marido de sua irmã. Seu rosto ainda bonito está vermelho-carbonizado. Seu cabelo preto curto agora tem entradas afiadas, como as de Drácula. Ele pega as malas dela e a leva para o carro.

‘Olá irmãzinha! Você está finalmente aqui’, soa do carro. A mulher sorri largamente quando sai para abraçar a irmã. ‘Entre rápido, você parece cansada. Você pode tomar banho em casa e depois vamos jantar’.

O carro sai do aeroporto. Os prédios e casas são quase todos pintados em tons pastéis brilhantes, laranja, verde, azul. Vendedores ambulantes se alinham na estrada com suas mercadorias à sombra de palmeiras e ipês. Ciclomotores buzinando passam pelos

carros de forma imprudente para evitar buracos no asfalto em ruínas. Os motoristas xingam pelas janelas abertas. Ela é jogada pela estrada esburacada, pela alta velocidade, pelas freadas bruscas. O sol forte brilha em seu rosto. O aroma adocicado de banana parece estar ficando cada vez mais forte. O suor flui de sua testa para o pescoço. Seus lábios estão secos.

‘É, irmãzinha, e nem é a hora do rush’.

‘Sério? Nunca vi tanta loucura!’

‘Estamos quase em casa, só falta uma rua’. O carro para bruscamente. Dois cães esqueléticos pulam na calçada.

O carro sobe em uma entrada íngreme de um prédio de trinta andares. O porteiro aperta um botão e o portão se abre. O edifício é cercado por muros altos, enfeitados com azulejos azuis e brancos. Há uma piscina, uma área espaçosa de lazer sob guarda-sóis e uma cozinha ao ar livre com churrasqueira. ‘Fim do passeio, irmãzinha. Bem, você precisa de um banho mesmo! Parece um tomate assado!’

O elevador panorâmico de vidro acrílico avança vertiginosamente para o vigésimo segundo andar. A porta da entrada principal do apartamento é aberta por uma empregada pequena e alegre de meia-idade. Ela pega as malas e as leva para um dos quartos. A sala de estar é espaçosa e decorada com bom gosto. Os móveis são locais, a decoração levada da pátria. Na varanda, uma rede balança ao vento. O escritório desordenado também tem uma varanda. Há duas suítes.

Depois de um banho, exausta, a irmãzinha adormece na pequena cama. A luz do sol impiedoso em seu rosto a acorda. Ela vai cambaleando para cozinha, onde é recebida por sua irmã e a empregada.

‘Que massa, seu prédio tem piscina!’

‘Ah, isso é bastante comum aqui’. Você ainda está usando essas regatas?

‘Sim, eu não tenho corpo para um biquíni’.

‘Pelo menos veste um maiô. Você me envergonha assim. O povo daqui é muito vaidoso. À tarde teremos um convidado, um colega do meu marido’.

‘Isso é necessário agora? Eu gostaria de ver a cidade’.

‘Mulher, não há nada para ver aqui! Apenas apartamentos e praia. Os prédios históricos no centro estão desmoronando na miséria!’

‘Depois de todo o dinheiro que gastei, quero ver algo do país. Eu gosto de todas essas cores’.

‘Vamos ver irmã’.

Dois homens suados entram no apartamento por volta do meio-dia.

‘E o que vocês fizeram esta manhã? Fofocando à beira da piscina, né?’

‘O que mais devemos fazer aqui? Sair na rua para ficar assadas vivas pelo sol e calor? Ninguém merece!’

‘Já sei esposinha, sempre reclamando da vida’.

‘Pelo menos você trouxe um convidado. Finalmente uma novidade. Não posso dizer isso sobre a comida. Sempre a mesma coisa!’

‘Vamos almoçar! Colega, você se senta ao lado da irmã da minha esposa’.

‘Então você é a irmãzinha. Bem-vinda aos trópicos! Está gostando? Seu sorriso mostra grandes dentes de predador. Ele é pequeno e musculoso. O ventilador sopra seu cabelo loiro para frente e para trás em sua cabeça atraente.

‘Gostaria de conhecer a cidade, mas minha irmã não quer!’

‘Minha esposa odeia este país. Ela teve que largar o emprego para que eu pudesse trabalhar aqui para aquela multinacional. Bem, nós só vamos ficar por alguns anos’.

‘Fácil falar! Você trabalha para uma multinacional. Estou plantada aqui em casa. Ninguém quer me dar um emprego! Falo a língua deles fluentemente e sou uma professora de inglês experiente! Mas não, as estrangeiras não têm chance. Há sempre uma desculpa. E a maneira como eles olham para nós, como se você fosse um caixa eletrônico ambulante! Eles só querem o seu dinheiro!’

‘Mas, eles não têm muitas regras aqui. Você pode vender na rua, ninguém está te fiscalizando. Pode pintar sua casa com todas as cores do arco-íris, sem guardas irritantes que lhe multam’.

‘É, pode também jogar seu lixo na rua. Sacos plásticos cheios de papel higiênico usado, porque esses banheiros não agüentam nada! Recentemente vi um cachorro morto na rua. Deixaram o animal para apodrecer na rua. Ninguém que tirasse o cadáver’.

Vamos relaxar casazinho! Sua irmã está ficando envergonhada. Tenho folga amanhã. Vou mostrar-lhe a cidade’.

‘Você é um bom colega! E eu só trabalhando!’

‘A vantagem de ser o chefe do departamento’.

A campainha do apartamento toca alto. Antes que a empregada tenha a chance, irmãzinha abre a porta. É o colega de seu cunhado.

Sua irmã a puxa para a cozinha. ‘Você está saindo com ele há duas semanas. Algo que eu deveria saber, querida irmãzinha?’

‘Sim, está ficando sério. Nós já tivemos...’

‘O quê, já? Você acabou de chegar aqui!’

‘Não tive um relacionamento há muito tempo. Eu gosto dele. Que sensação quando ele toca nos meus seios’.

‘Então ele não tem muito que tocar no seu caso!’, sua irmã ri cruelmente.

Irritada, a irmã sai pela porta. O colega do cunhado a segue.

A luz do banheiro é fraca. Passos silenciosos vêm em direção à cama. Ela ouve tudo, apesar do barulho do ar condicionado.

‘Nem pense que eu não ouço você, rapaz. Não consigo dormir com toda essa zoada da rua. Essas eleições aqui são infernais. Mesmo aqui no vigésimo segundo andar você pode ouvir o barulho’

‘Isso não me incomoda, acho até lindo. Pelo menos, a política está viva aqui, não como as figuras mortas de terno cinza que nos temos.

‘É, e os dois candidatos são um doido corrupto e um bêbado. Ainda bem que não posso votar! Por que você está em casa tão tarde de novo?’

‘Muitos problemas no trabalho. Sempre nesta época do ano. Estou de saco cheio de todos esses jantares de negócios!’

‘De saco cheio dos jantares de negócios? Eu sempre vejo você olhando para as garçonetes com olhos esbugalhados’.

‘Já chega! É melhor você tomar conta da sua irmã, meu chefe gosta de comer. E quanto mais comida melhor! Sua irmã não é a única’.

‘Aquele desgraçado! Vou falar com ela amanhã’.

A empregada coloca os ovos fritos e o café na mesa da cozinha. A irmã mais velha agradece mal-humorada. O olhar da caçula está abatido.

‘Você tomou banho? Ainda está fedendo a cabra!’

‘Bem diga! Que diabos!’

‘Você sabe que esse cara é um glutão, certo? Ele pega uma atrás da outra’.

‘Cuide da sua vida, seu marido trabalha muito, não é?’

‘O que você está insinuando?’

‘Se vire! Vou de táxi à praia. Já estou atrasada’.

‘Fique aqui! O que você quer dizer...’

A porta se fecha.

O casal se senta à mesa. Em silêncio estão tomando café e biscoitos.

‘Você chegou em casa cedo por uma vez. Sem horas extras hoje?’

‘Não, algo inesperado aconteceu. Meu chefe está...’

A chave reserva faz um barulho de chocalho. Um rosto queimado de sol e choroso entra na cozinha.

‘Esperei horas naquele bar de praia! Ele não apareceu! Nem mesmo um telefonema!’

‘Tá vendo, irmãzinha. Eu te disse! Ele não é confiável!’

‘Meninas, meninas, não briguem! Eu estava dizendo que algo aconteceu com meu chefe, seu amante, cunhada’.

As irmãs olham para ele com olhos curiosos.

‘Encontraram-no em seu carro ontem. Ataque cardíaco, na porta da casa da sua...’

‘Da sua, o que, o que, cunhado?’

‘Sua namorada’, ele murmura rapidamente.

‘Aquele bastardo nojento! Ele perguntou se eu queria morar com ele, e...’ Ela vomita na mesa da cozinha.

As duas irmãs sentam-se na varanda depois do café da manhã tardio. O marido saiu cedo para o funeral. Ele passou pela empregada e disse que teria uma reunião após o funeral. As duas irmãs não quiseram ir ao sepultamento. A mais velha fica enjoada com o aroma floral pesado para mascarar o cheiro de cadáver. A mais

nova quer esquecer tudo o mais rápido possível. Decidem ir ao shopping. O visto de turista expira em duas semanas. A irmãzinha ainda quer comprar vestidos de verão tropicais e coloridos.

‘E irmã, você está feliz com as compras? Você gastou demais!’

‘Sim! Muito satisfeita. Era disso que eu precisava, gastar feito louca para esquecer aquela serpente morta. Eu gostaria de tomar um café. Vamos sentar em algum lugar?’

Elas caminham até a ampla praça de alimentação do enorme shopping. Pedem café e sentam-se à mesa entre dezenas de outros compradores.

‘Eu sei que você não gosta deste país, mas essas mulheres aqui são bonitas demais. Olha essa! Ela acena com a cabeça para uma mulher alta e esbelta na casa dos vinte. Ela usa um vestido branco que contrasta com sua pele morena. O cabelo encaracolado sedoso e grosso permanece elegante a cada passo’.

‘Ah, nem todos os homens gostam disso, irmã’.

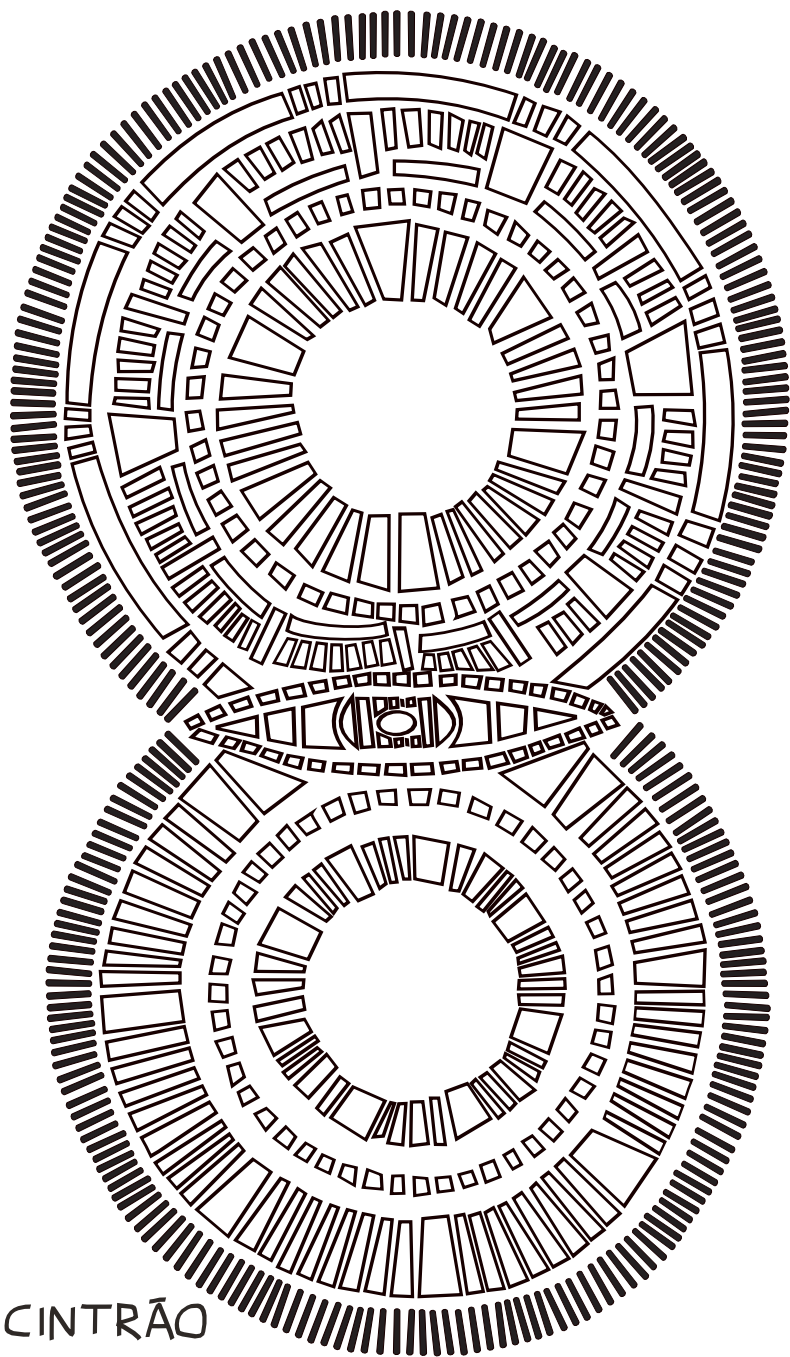
‘Olha, ela vai se sentar com um homem branco. Que coisa linda, esses casais mistos!’

A mulher alta e esbelta beija seu amante. Eles dividem uma torta e uma latinha de Coca-Cola. O homem tem uma constituição robusta. Seu rosto bonito é vermelho-carbonizado. Seu cabelo preto curto tem entradas afiadas, como as de Drácula. As irmãs se entreolham com espanto. Lágrimas brotam na mais velha.

O avião está decolando. Duas irmãs sentam-se lado a lado. A fumaça do querosene não consegue dissipar o aroma macio e doce de bananas maduras.

Tu

que partiu sem me dar adeus



CINTRÃO

INTERESSES DOS EXTREMOS CRONOLÓGICOS

Ismar dos Reis Magalhães



Ele achava interessante aquela jovem, quase ainda adolescente, que conseguia ler todos os longos textos dos escritores da disciplina de literatura russa. Ela dava boas opiniões sobre o que o professor perguntava, de uma certa forma discutia quase de igual para igual com o professor com todas as suas titulações e seus anos de experiência.

Ele nem sempre conseguia ler todos os textos como ela, mas isso não se devia à grande diferença etária que havia entre os dois; se encurtarmos os intervalos em termos de precocidade paternal, ele podia ser avô dela. Ela estava por volta dos vinte anos, ele estava entre os 50 e os 60 anos, mas, possivelmente, mais próximo da sexta década, o que ela não sabia ao certo, nem havia como, visto que eram dois isolados da turma, quase não falavam com alguém.

Paulatinamente, ela começou a cumprimentá-lo e ele respondia-a sempre, ela era a solista do dueto em progressão. Ela chamava-o pelo nome, ele ficou perplexo por ela o saber, conhecia o seu nome, isso era sinônimo de interesse. Até que um dia, perguntou o dela, repetiu-o mentalmente várias vezes para fixá-lo, para fazer frente à gentileza dela.

Dois meses após, ela chamou-o em uma rede social e começaram um diálogo, até que pediu seu número de telefone, consequentemente seu WhatsApp. Por alguns meses, eles conversaram quase todos os dias, sobre vários assuntos, não apenas sobre os assuntos de estudos, mas sobre amenidades, sobre as famílias.

E assim foram aproximando-se, aprofundando a amizade. Naquele momento das conversas, ele estava viajando, combinaram que quando retornasse à cidade comum de residência poderiam tomar um café ou almoçar para ampliar o conhecimento. Ambos ficaram empolgados, afinal, a conversa fluía bem e demonstravam

sintonias em diversos assuntos e pontos de vista.

O prometido almoço ou café demorou um tempo não breve, na verdade, alguns meses após o retorno dele, até parecia conversa mesmo de brasileiros, que prometem e nunca cumprem com a efetivação do convite.

Quase por um desencanto, um dia, ele a convidou para um almoço próximo ao local do curso de literatura russa. As pessoas, ao redor no restaurante, observavam aqueles dois de idades bastante diferentes, não imaginavam que pudessem ser namorados, pois não havia proximidade entre eles, toques de mãos ou qualquer tipo de carícias visíveis. Seria o pai dela? Mas pareciam muito emocionados na conversação.

Falaram bastante, não obstante ela estivesse um pouco acanhada, razão que ele sequer fazia ideia; possivelmente não era pelas suas diferenças de idade, visto que ela se aproximara dele. Desconhecia a razão ou se era apenas a timidez de uma jovem moça.

Ele ofereceu-se para pagar o seu almoço, ela disse que tinha iniciado um estágio há pouco tempo, não havia tido sequer o seu primeiro salário, assim, ela aceitava-o, mas se comprometeu de saldar o próximo almoço ou algo que ocorresse em seus possíveis futuros encontros. A palavra futuro, mesmo que estivesse um pouco resistente em relação àquela amizade agradou-o. Afinal, qual sênior não se consideraria lisonjeado pelo interesse de uma moçoila de apenas duas décadas de respiração terráquea.

Conversaram um pouco mais, mas não tanto quanto nas redes sociais; pareceu-lhe que, realmente, não se sentia bem por sua refeição ter sido quitada por ele.

O restaurante servia café preto e um sabor de chá, como acompanhamento do almoço; bem como outros tipos de café, mais

elaborados, que não acompanhavam o valor da refeição.

Convidou-a para ir a um outro café, próximo de lá, era o lugar do seu cappuccino preferido. Marcharam algumas quadras até o local e a prosa animara-se um pouco mais, contudo nem tanto. Ela não aceitou tomar um café ou cappuccino. Disse-lhe que tomaria um trago do seu, caso não se opusesse. Ele respondeu que seria um prazer partilhar um cappuccino na mesma xícara com ela.

O cappuccino vinha com chocolate derretido no fundo, requeria-se apenas que se o mexesse para diluí-lo e tornar a bebida adocicada, dispensava a adição de açúcar, mesmo para alguém que fosse acostumado a usá-lo.

Após alguns passos da colherzinha no cáldo e marrom salão de baile, ele convidou-a para degustar daquela dança líquida e acalorada em várias acepções.

Ela sorveu uma pequenina porção e lhe devolveu o controle das manobras sob a música dos pensamentos de ambos, os quais se entreolhavam constantemente. Tocou os lábios no mesmo lugar que ela havia-o feito, isso é mais do que tomar o meu cappuccino favorito, é um beijo indireto, o qual está delicioso, tomaria tantos outros, enquanto ele devaneava com a possibilidade de se tornar real.

Ela ficou desconcertada com a sua disfarçada investida, bem... nem tanto. Falou um pouco do seu estágio, de algumas de suas rotinas, e dentre elas, a de que conversava com várias pessoas nas redes sociais, que até havia tido um namorado virtual, mas disse que somente virtual, frisou isso, nunca havia tido um namorado de verdade, nunca havido beijado.

Isso possibilitou-lhe algumas elucubrações, se nunca tinha beijado por ter tido somente um namorado virtual, então segundo as

palavras dela, tinha lábios intactos...

Na adolescência dele, todos mencionavam que queriam casar-se com uma mulher pura, era um ponto crucial para que um homem se interessasse por alguém para casamento. Caso alguma não o fosse, ela faria de tudo para encobrir tal evento, jamais uma mulher publicava que havia saído com esse ou com aquele outro, falar de detalhes desse tipo de façanha era algo impensável. Se o fizesse seria desqualificada como meretriz e jamais se casaria.

Entretanto, estamos na terceira década do século XXI. As pessoas midiáticas fazem questão de publicar que saíram com várias pessoas e outras até relatam detalhes desses relacionamentos, algumas celebridades revelam características atípicas de suas partes íntimas, de suas tatuagens, de suas relações modernas, qualquer uma desse número dinâmico de denominações de comportamentos.

Há três ou quatro décadas, os vanguardistas sexuais podiam ser classificados em três, GLS (gays, lésbicas e simpatizantes); hoje, a sigla aumentou deveras, se continuar neste ritmo o alfabeto não será suficiente para abarcar todas as orientações que surgem, além do sinal aditivo teremos que utilizar os números, se bem que não deve haver tantas outras variações além das atuais.

Após breve digressão sobre o comportamental sexual da sociedade, nas primeiras décadas do deste século, voltemos à relação em foco, embora não moderna, sobretudo se a compararmos com as mencionadas.

Caso ela estivesse alinhada com o seu tempo, não havia necessidade de pensar sobre isso. Ele estava interessado naquela moçoila, no entanto, cogitou que não seria justo aproximar-se dela, devido às suas idades, aquilo não duraria muito, sendo ela desconhecadora das relações afetivas, poderia se deprimir ou pas-

sar por algo negativo devido à não evolução do relacionamento para algo compromissado.

Após o café, ele acompanhou-a por algumas quadras em direção ao seu estágio, despediu-se, desejou-lhe bons trabalho e semana. Não ligou mais para ela, nem ela.

O assunto era o desarranjador dos seus pensamentos, agora posso ser o seu pai, a nossa lacuna etária é grande, dentro de 20 anos ela terá 40, eu, 80. Isso não tem como se acertar.

Nas aulas, eles nem se olhavam mais.

Pensou e repensou em procurá-la, mas vinha à sua mente que ela relatara que não tinha boas relações maternas, com o pai, eram bem melhores, o qual tinha 45 anos. Estaria ela procurando um outro pai, ou melhor, um avô, para substituir a carência do afeto materno? Não encontrava o caminho.

Eles continuaram afastados. Depois de cerca de dois meses, ela disse-lhe na rede social que havia arrumado um namorado, e não era mais um virtual, era de verdade, reiterou.

Bloqueou-o no WhatsApp e o excluiu da sua rede social.

Certo dia, viu-a com o seu namorado. Fisicamente, eles não combinavam, visto que ele era muito grande, provavelmente 1,90 m de altura e barba crescida; ela tinha, no máximo, 1,60 m e magra, era uma pequena grande e bela delicadeza. Ele era mais velho, cerca de 10 anos, mas para quem havia se interessado por alguém que tinha cerca do triplo da sua idade, a metade a mais não era problema. Na verdade, aparentava que a matemática cronológica não era um enigma para ela, não compunha os seus questionamentos como os escritores russos, como o era para o primeiro.

Não se viram mais após o curso, nem se falaram.

Ficaram sem se falar por mais de dois anos

Todavia, ele a viu em uma outra rede social, a qual mostrava que ela havia consultado o seu perfil. Ele mandou-lhe uma mensagem e, assim, reiniciaram um relacionamento amistoso, porém sem as intenções afetivas, quer seja de um, quer seja de outro.

OLHARES QUE ENCANTAM

Maurício Cintrão França



Procuo olhares. Olhares que fazem carinho, que afagam, que encantam. Como o que recebi da mulher loira na entrada do Mercado, domingo pela manhã. Ela comia pastel com um parceiro. Ele estava de costas, não me viu. Mas ela viu, sim. E notou que percebi. Assustada, desviou os olhos. Mas voltou a me olhar. Talvez tenha visto mais do que eu mesmo reconheço mostrar.

É tão bom ser olhado assim. É um presente, é um carinho. Mesmo que não tenha sido essa a intenção. Muitas pessoas ignoram o efeito do próprio olhar. Olham disfarçadamente, como a loira do Mercado, e nem notam que abriram o próprio coração. Quase sorri para ela. Mas acho que seria invasivo.

Há pessoas que olham mesmo, com gosto (ou com intenção de mostrar que olham). Em alguns casos são agressivas. Mulheres comumente são assediadas assim. Sabem direitinho qual é o olhar violador, desrespeitoso, que mede e julga. Mas nem sempre o olhar incisivo é violento. Existem olhares interessados que são só isso, interessados e pronto.

Os sabidinhos usam o poder do olhar. Mas tem observadores que não compreendem que o olhar envia mensagens. Tão pouco percebem que declaram intenções, desejos e julgamentos enquanto miram alguém. Tem pessoas que até olham sem perceber. De quando em quando, vivem olhares de fuga: estão, na verdade, desviando o olhar e dão com os olhos nos seus olhos.

O que será que a loira do Mercado viu em mim? Será que pareci tão interessante assim? Eu não me enxergo bonito-gostoso. Mas o olhar dela era do tipo “ui!”. Ela reconheceu que viu alguém interessante em mim. Não se oferecia, apenas olhava admirada (e meio sem jeito). Eu teria sido para aquela mulher um exemplo do homem que ela procura?

Não sou do tipo atlético, nem busco causar boa impressão. Sou um sujeito comum, coroa, de bermuda, camiseta e tênis. Não me visto, nem me comporto como os homens da minha idade. Sou arte educador, artista visual e jornalista. Faço oficinas de arte com crianças. Crio experiências estéticas e artesanato. Escrevo crônicas. Mostro meu trabalho em feiras e exposições comunitárias.

Por conta disso, talvez eu me apresente ao mundo em uma aura alternativa de viver. Por certo, sou meio alternativo. Dirijo boa parte da minha energia para compreender o mundo de forma diferente. Dou atenção para causas e questões coletivas. Participo de grupos de estudo sobre desigualdade social, ancestralidade e espiritualidade.

Poxa, eu voltei a fazer terapia, caramba! Isso deve fazer muita diferença... Será que isso aparece junto comigo? Certa vez escrevi que eu sou aquilo que não deixo que façam comigo. Sou reflexo das minhas escolhas. Vai ver, ser assim pode interessar às loiras que comem pastel no Mercado aos domingos de manhã.

Pelo visto (ou pela olhada), sim.

APRISIONAMENTO

Kévia Daniele da Silva



Nunca perguntaram se ela queria ser princesa,
Mesmo assim ela aceitou.
Sem ler e concordar com os termos, o contrato assinou.

Mas, ser princesa era muito chato,
Exigia beleza, postura e recato.

Beleza ela não tinha
Porque a pele negra ela tinha.
Retinta, diziam e repetiam:
Bombрил e coroa não rimam.

A nomenclatura postura lhe soava como gastura.
Toda vez que ela escutava: nequinha fala baixo,
tenha compostura.
Toda uma infraestrutura lhe fraturava as pregas vocais.
A única coisa que ouviam em resposta eram ecos de silêncio.
A costura tinha sido bem dada,
mas não findava que um dia ela se rompia.

Recato? Ela não sabia que significado tinha,
Não por falta de conhecimento,
Pois suas vivências lhe ensinaram como funcionava a vida.
Algo que na academia não se aprendia.

A palavra recato lhe parecia estranha,
Mas a sua variante ela conhecia.
O recato
Foi dado

Sob o anonimato

Diz:

Preste bem atenção

Menina mulata, bonitinha

Seja sensata

Escute o combinado e o cumpra de imediato

Isso é um ultimato!

Se desobedecer compreenderei como um desacato.

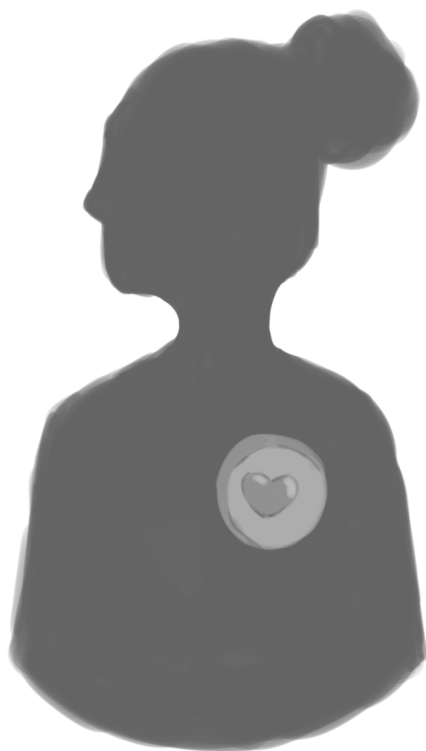
Quem não tem cão caça com gato,

O local exato

é o seu quarto.

MEMÓRIAS DE QUEM JÁ PERDEU ALGUÉM: RELATOS DE AMIGOS E FAMILIARES

Lígia Chaves Ramos dos Santos
Janaína dos Santos Miranda



O PESO da AUSÊNCIA...

Hoje faz tantos anos que a morte chegou na nossa casa de forma repentina e te tirou de nós...

Mas apesar do luto constante...

Apesar do peso da tua ausência...

Nós seguimos por aqui, assim, como o rio que contorna as montanhas e segue seu curso até o mar...

Ficamos órfãos de você, das suas risadas, do seu jeito e até do seu humor ácido, acredita?

Tudo nos lembra você... a COMIDA, o CHEIRO e a MÚSICA...

As vezes a tua PRESENÇA é tão INTENSA de que TEMOS a impressão de que você vai chegar a qualquer MOMENTO...

A tecnologia já avançou tanto, o homem já foi até à lua, mas até agora não inventaram nada que curasse a SAUDADE...

E que SAUDADE!

Seguimos por aqui na incerteza do nosso f u t u r o ...

Mas com uma única CERTEZA...

O nosso coração está menor, apertado, d o l o r o s o e SAU-
DOSO de VOCÊ!!!!

O amigo e o MAR

A gente fica a deriva no MAR...

Seja por uma doença ou LUTO

Mas quando se tem um AMIGO VERDADEIRO...

A gente até SENTE o sal das águas, o baque das ondas, mas tudo se torna mais L E V E.

Assim como as roupas no varal que dançam ao som do vento e exalam seu perfume no final do dia...TUDO se torna mais LEVE e ESPERANÇOSO.

Na companhia de um AMIGO VERDADEIRO a gente arranca um sorriso nem sei de onde

Na companhia de um AMIGO VERDADEIRO a gente faz igual a um pássaro que se debruça quando o voo já está pronto e alcança o céu...

Na companhia de um VERDADEIRO AMIGO o tempo formoseei.

A gente nem acredita nas coisas, nem tem esperança, mas SENTE!!!!!!

Um AMIGO VERDADEIRO é sinônimo de sol num dia de praia, de algodão doce no parque, de cheirinho de bolo saindo do forno, de pipoca no cinema, daquele reencontro caloroso, de chuva em tempos de seca, de banho quente em dia de frio, de um sorvete na companhia de quem se ama.

O valor de um VERDADEIRO AMIGO está no AMOR!!!

PONDERAÇÃO DO INSTANTE

Anna Costa



O tempo transcorrido não volta mais.
Nossas lutas internas deixam cicatrizes.
Porém a esperança de mudança se faz.
Sob um horizonte com novas diretrizes.

A esperança se desdobra de repente.
Por existir harmonia e respeito à diferença.
A força se instala de forma permanente.
E a união nos agracia com sua presença.

A tolerância é a melhor opção.
Como um abraço ela afaga.
É o remédio para curar a opressão.
Fluindo paulatinamente se propaga.

Nas andanças nos apercebemos do que vem.
Um futuro onde a liberdade é ideal.
Sem passar por cima de ninguém.
Respeitando a história de cada qual.

QUANDO NÃO SOBROU QUASE NADA

Jardel Lucas Garcia



A sala estava escura e o projetor permanecia ligado. O ar frio e seco parecia ajudar a prolongar ainda mais cada uma das cenas que iam e vinham em ordens diferentes. E Ele continuava lá, sentado na primeira fila, imóvel, os olhos cansados mas sempre abertos e fixos na grande tela. Seus ouvidos, igualmente concentrados, permaneceram indiferentes aos sons de passos que em algum momento começaram. Ele sabia que sempre fora o único a conseguir ouvi-los.

- Finalmente você veio... até eu mesmo já estava impaciente...

- Não se anime, velho amigo...

A Mulher de Preto se sentou ao lado Dele, observando-o uma última vez antes de concentrar-se na tela. Ereta e silenciosa como sempre, permaneceu ali, sem dizer mais nada.

- Sabe que você é meu último recurso, não é?

- Quem? Eu? - O tom de ironia na voz dela fez com que Ele esboçasse um leve sorriso desanimado.

- Depositei confiança demais em você, por acaso?

- Olha só! Nem tudo está perdido, pelo visto! Você ainda sabe fazer graça.

Os dois ficaram em silêncio assistindo algumas cenas, concentrados, mas algo nos olhares de ambos denunciava a percepção da presença um do outro.

- Estamos na mesma, meu amigo...

- Mesmo assim, pensei que você ainda pudesse me levar...

- Sabe que não posso. - Ela olhou para Ele. - Sabe que não é assim que funciona...

- Sei mesmo? - Uma leve inclinação na sobrancelha direita que não passou despercebida por Ela. - Você é a única que pode se gabar de conseguir esconder as coisas de mim.

- Hum... mesmo com essa sua arrogância infinita, nunca tive

nada contra você. Até porque, sempre trabalhamos juntos, não é mesmo?

- Era inevitável...

- Pois é. Era. Agora estamos aqui, sem nada nem ninguém...

Só eu e você...

- Então, por que veio aqui?

- Seu rabugento. - Ela não estava brava. - Vim ver como você estava.

- Estou bem. Como sempre estive.

- Estou vendo...

A tela de repente escureceu. A palavra “fim” apareceu no centro, desaparecendo aos poucos enquanto os dois a contemplavam. Ele acenou rápido com a mão direita e a tela se acendeu novamente, mostrando um grande globo luminoso que marcava o início do filme.

- E lá vamos nós de novo... - Ela suspirou.

- Todos se foram.

- Sim, eu sei.

- Eu poderia dizer que é culpa sua, que você os levou...

- ...mas isso não diminuiria a sua parte da culpa, não é?

- Exato.

- Entendeu agora que estamos na mesma?

Ele não respondeu. Continuou assistindo as cenas em preto e branco que se seguiam.

- Trouxe algo pra mim, pelo menos?

- Sabe que não sou dessas. E mesmo que trouxesse, nada seria o bastante pra você.

- É verdade. Já tentei de tudo.

Ela olhou em volta. Por todo o chão da sala havia areia espa-

lhada. O espaço estava tão isolado que nenhum som ou luz externos conseguiam entrar. Onde a areia caiu, cada grão permaneceu ali, imóvel. Assim como Ele.

- Você criou esse lugar?

- Que diferença faz?

- Por que um cinema?

- Que diferença faz?

- Eu quero te entender...

- Estamos quites.

Ele estava irredutível, como sempre. Mas Ela também era.

- Já reparou no meu nome? - Ela perguntava enquanto ele bufava, provavelmente querendo silêncio.

- Qual deles? Você sempre teve tantos...

- Aquele pelo qual sempre fui mais conhecida por eles. Perceberam que se invertessem as sílabas, me tornaria o próprio Medo. O Temor.

- E daí? Sempre tiveram medo de você mesmo...

- Nem todos... nem todos. E eu nunca quis que tivessem também.

- Você teve algum preferido? - A mudança de assunto já era algo positivo, pensou Ela.

- Não deveria... mas tive vários... vários! - Ela sorria com um olhar vazio, aquele vazio que só quem conhecia a Morte sentia. - Você não teve?

- Claro que tive... mas levamos todos, né...

- Você ainda se culpa?

- Você não?

Silêncio.

Pela primeira vez, Ele desviou o olhar da tela e olhou para o rosto Dela. Nunca antes a havia encarado assim de frente. Diziam que era terrível. Mas Ele não sentiu que fosse. Quase não sentiu nada.

- Isso é uma lágrima? - Perguntou Ele, por fim.

- Está surpreso?

- Ele voltou a assistir o filme.

- Você realmente não está bem.

- Obrigada por notar.

Ela sentia que estava vacilando. Não tinha vindo para isso, mas sentiu que a situação era ainda mais difícil do que parecia, agora que estava junto Dele. Teve medo.

- Olha... eles tiveram bastante culpa também em tudo o que aconteceu... não precisa ficar assim...

- Sem essa, ok? Não precisa ficar com dó de mim...

- Estou errado?

- Não. Mas a questão não é essa. - Era agora ou nunca. Ela precisa convencê-lo.

- Qual é então?

- E agora? Já pensou no que vamos fazer?

- Nada. Não há o que fazer.

- Precisa haver.

Ele se endireitou na cadeira e a encarou novamente.

- Como assim? Você dizendo isso? Não me venha com esse papo de esperança...

- Sim, eu mesma. Olha pra essa tela. - Ela apontou para a grande tela. Os dois ficaram assistindo em silêncio.

- O que tem? - Ele perguntou, desinteressado.

- São suas, não são?

- De quem mais seriam? É tudo o que eu lembro.
- Exato! Você se lembra.
- Claro que lembro...
- Não! Você não entendeu. Você lembra de TUDO.
- Não é essa a minha função?
- Você se lembra de tudo o que foi, de tudo o que é e de tudo o que virá a ser.
- Eu só vejo um grande vazio...
- Eu sei... Mas olha pra isso! - Ela se levantou, apontando de novo pra tela.
- E daí?
- E daí que são suas memórias. Vivas.
- “Fim” apareceu novamente na tela e mais uma vez o filme recomeçou.
- Exato. São só memórias.
- E o que seria dos vivos sem elas?
- Não existem mais vivos! – Ele se exaltou, mesmo não gostando de agir assim.
- Nós estamos.
- Estamos?
- Você me vê, você me ouviu...
- Mesmo assim, nem eu posso te levar, passar por você, e nem você pode me matar. Então, voltamos ao início. Somos inúteis.
- Se você se lembra de tudo e se eu sou a ponte entre o físico e o espiritual, ainda temos uma chance.
- Tá querendo criar um plot twist final? Não vai funcionar...
- Nunca fui boa com improvisos, você sabe. Vamos... pensa um pouco...
- Memórias... - Ele bufava, sem paciência. - Tá bom: o que eu

faço com tudo isso então?

- Você se lembra.

- Só isso? Já tenho feito isso demais se não percebeu...

- Não. Não tem não. Você só se trancou aqui, revendo as piores delas nessa tela, se achando um fraco por poder ir e vir nelas sem conseguir intervir em nada. Você precisa fazer mais do que isso.

- Por exemplo?

- Deixa eu tocar nelas.

- Ah! Quer acabar até com elas? Você disse que não podia ajudar, que não pode acabar comigo, mas quer acabar com tudo o que me resta?

- Eu nunca acabo com ninguém. Nunca acabei. Pensei que você entendesse.

- Você mata, só isso.

- Então você assume que elas estão vivas?

Ele ficou em silêncio, desconcertado, como nunca ficava. Naquele limbo, era difícil reconhecer primeiras vezes, mas sabia que acabara de sentir algo que não reconhecia há muito.

- Você sentiu medo, não foi? - perguntou Ela, com gentileza, quase encostando Nele. - Confessa! - Brincou.

- Ele fez o que o Tempo sempre faz: não respondeu de imediato.

- Lembra do que acabei de dizer sobre o meu nome? O medo prova muita coisa, meu amigo. Ele sempre me incomodou, mas eu o aceitei, por isso não enlouqueci ainda.

- Entendo... eu... estou com medo?

- Está.

- Como isso é possível? O Tempo não pode ter medo...

- Claro que pode... você tem medo de perdê-los de novo... de se sentir mais inútil e irrelevante ainda. Deixa eu te ajudar... e pare de se referir a si mesmo na terceira pessoa, seu arrogante!

Ele pensou. Não se irritou com a piada Dela, até gostou. A tela tremeu com um pouco de estática e mais imagens começaram a aparecer, algumas que Ele não havia visto das últimas vezes.

- Eu estou com medo... – Era uma sensação real, que não vinha nem só de dentro, nem só de fora. E que não era criada por só por Ele. Isso era novo, terrível, mas, de algum jeito, parecia bom. Pelo menos, inquietante.

E Ele se levantou. Areia caiu das suas roupas velhas. Ele se endireitou aos poucos enquanto Ela esperava com toda calma. De bom grado, Ela estendeu a mão, não como sempre fez com cada ser humano no final de sua história, não como uma obrigação de cumprir um propósito autoimposto, mas como uma igual, como alguém que há muito também não sentia um toque, assim como ele.

E Ele tocou a mão Dela. Eles não sabiam se era dor ou alívio o que sentiram, e tampouco tinham certeza do que viria a seguir. As mãos se fecharam. Uma linha vermelha chamou a atenção dos dois. Ela levava até a porta. De mãos dadas, os dois, o Tempo e a Morte, seguiram a linha e saíram da sala antes da palavra “fim” tomar conta da tela. E, na verdade, ela nem mesmo apareceu.

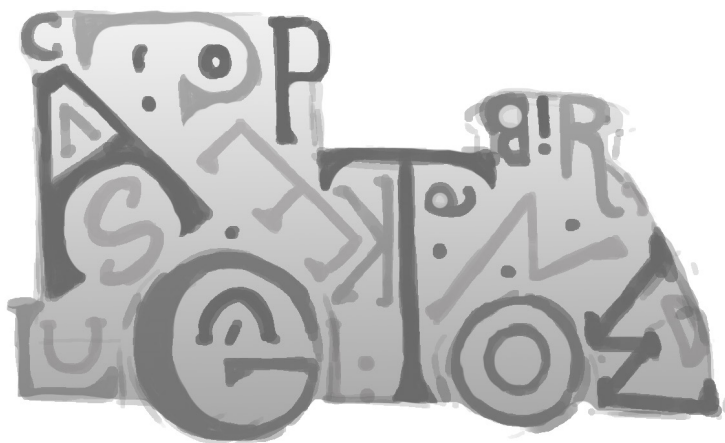
Nós

que mal sabemos onde estamos, mas estamos.



VOZES EXISTENTES NUM MOVIMENTO ESTÁTICO

Aldeneide Araujo Nascimento



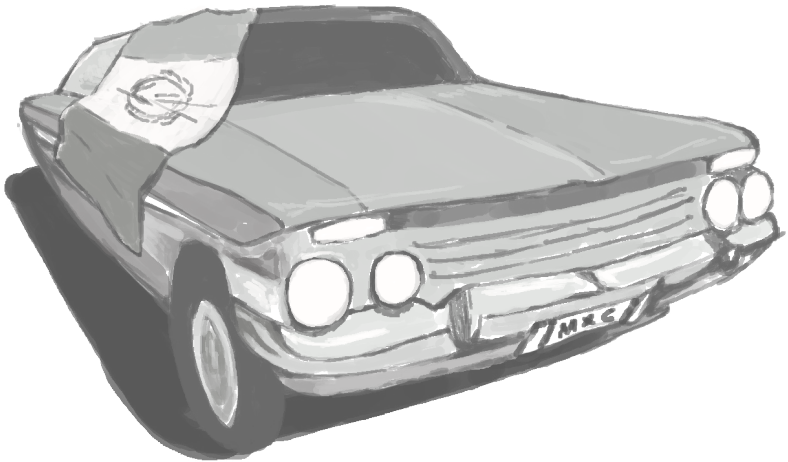
Compreender a língua é senti-la em movimento.
Minha língua é movimento.
A Língua Portuguesa é movimento.
Minha língua é vida; sobe, desce, recolhe, acolhe e abraça.
A língua é viva, movimenta o povo,
o povo a movimenta;
acompanha o povo, o povo a acompanha.
Na escola não pode ser um movimento estático;
minha língua é diversidade linguística, normas e normas.

Minha língua inventa, reinventa.
Nas ruas, nos prédios, nas palestras, nos discursos, na escola;
minha língua é movimento.
Minha fala é movimento,
minha escrita é movimento.
Sou formal, sou informal
às vezes escrita, às vezes oral.

Sou Camões, sou Alencar, sou Fabiano,
sou Macabéa, sou Severino, sou eu, sou você.
Somos plural;
somos mo-vi-men-to
somos a língua,
a língua em movimento.

AUTOMOVILLE

Wayner Tristão Gonçalves



Estamos no hemisfério norte do planeta.

As civilizações mais fortes no seu ímpeto de desenvolvimento, começam a buscar um conforto cada vez maior para os seus.

Para tal, utilizam a matéria prima dos de baixo e produzem sem parar.

O consumo interno começa a se expandir por causa de um lucro cada vez maior.

Coisas sem sentido ganham cada vez mais espaço,

Se aglomeram e formam lugares densos, onde já é quase impossível habitar.

Para conter estes problemas espaciais, as novas cidades foram planificadas para caber mais coisas.

As ruas mais largas convidando a todos para desfrutar o lugar - que possam, por seus produtos nas ruas, usar o espaço público

Entretanto, o espaço já era demasiado grande.

O povo não podia recorrer grandes distâncias e se afastava cada vez mais de seus trabalhos, amigos, e da vida cotidiana.

A casa passou a ser o espaço por excelência. Ninguém se movia, cada qual na sua.

As comunicações foram se desenvolvendo cada vez mais, já se falava até por telepatia.

As empresas perdiam clientes uma vez que ninguém mais saía de compras, que eram realizadas por telefone ou internet quando o faziam.

Em meio a sua inércia, os comerciantes investiram nas telecomunicações, como forma de vender. Os meios de transporte cada vez mais anacrônicos.

Foram necessários anos de investigações para impulsionar de novo a população às ruas.

Os primeiros a sair de suas cavernas refaziam a lógica do transporte com novas placas e marcações nas ruas já desaparecidas.

A nova moda cresceu tão rápido que logo todos já tinham seu carro e utilizavam-no para se mover a todos os lados.

Não se sabe se a vida sedentária moldada pelo lar ou se a nova estrutura ampla da cidade facilitara o novo estilo de vida, que em pouco tempo passou a ocorrer dentro dos carros.

Ali faziam tudo: comiam, dormiam, trabalhavam, levavam uma vida quase normal, mas em porções diminutas.

O carro passou então a ser a nova habitação do cidadão.

A cidade também se adaptou a isso: drive-ins se multiplicavam, assim como as comunicações dentro dos carros.

Com o tempo a cidade ficou árida, não tinham como sair de seus carros para cuidar do espaço.

A cultura do asfalto já não dava lugar árvores nem a nada antes natural.

As pessoas adaptavam os carros ao calor que se formava pela ausência de sombras,

Ares-condicionados e vidros espelhados eram o mais comum.

Já não se viam pessoas dentro dos carros, nem nas ruas.

Com o tempo o perfil de um ser humano foi se apagando do imaginário público:

Já se sentiam carros.

Prologo: no dia 05 de abril de 2010 houve um terremoto de 7.2 na escala Richter na cidade de Mexicali. Todos habitantes muito assustados, já não queriam regressar a suas casas. Dormiram em seus carros por vários dias.

EU SOU PUTA!

Kévia Daniele da Silva



Eu sou puta!
Sabe, filha de puta, puta é.
Ah! Puta que te pariu
Prazer, essa sou eu.

Todos gritam: TODA PUTA GOSTA DE DÁ!
Dou mesmo
É dando que se recebe
E receber sem dá é muita ingratidão.

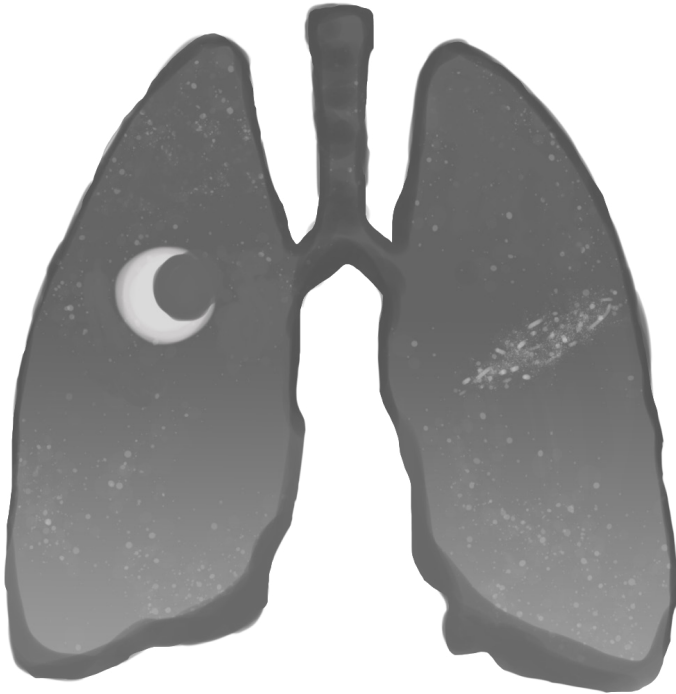
Quando dou alivia a dor.
Dor dos espinhos do dia-a-dia,
Dor por ser somente mais uma mercadoria,
Dores, dores e mais dores, são apenas dores...
Dor do parto,
Dor do aborto,
Dor do assassinato de “mais uma”.

Sou puta, puta, puta.
Sabe aquela puta que te pariu?
Sou eu.
Mas como puta é mercadoria,
Não pode sentir.
Ué já se viu um objeto, por mais sexual que seja sentir dor ou
sentir prazer?

Pois é meu camarada
Sou uma puta..tão
Sapatão exótica: dor e prazer fazem parte das minhas pernas.

VI O AR

Victor Finkler Lachowski



Ou o oxigênio, presente nas pequenas gotas que caem do chuveiro em meu rosto, pequenos cristais rosas, do alto, acima, gravidade. De um segundo ao outro a vida tira o dom de viver e me sujeita a um mundo que explode em rosa. Preenche todos os cantos, fechos, buracos e rachaduras. Por todo lado o ar nunca antes notado se acomoda, uma camada espessa de rosa deitada sob o todo em semelhança a um cobertor infantil.

Move-se em ondas grossas, pesadas, uma pasta, suave, respirando de maneira quase imperceptível de início. Suas empurradas, puxadas, inspiradas e expiradas são visíveis conforme os olhos se acostumam, como deitar em pleno escuro. Pequenas tremidas, idas e vindas, o hábito da repetição. Mínimamente móvel, o bastante para não ser esquecida, uma parede de tinta fresca em um dia úmido.

O desespero, e apenas o desespero, consegue dar sentido à vida em um período de transição tão drástico, um estágio do terror nunca chegando a ser consumado, momento sustentado nunca concretizado em horror. Será que a vida faz sentido sem os outros quatro sentidos? Esse pensamento foi logo afastado, quando percebi que o quinto não havia se esvaído, e sim explodido, explodido em rosa. Rosa patê, contrário ao do alimento enquanto constituição, um rosa fruto do natural, não do artificial, químico, industrial.

Aceitei a vida e vi meus dias rosas voarem como kamikazes, chocando-se em encontro com a divisão de realidade e sonhos. Existência resumida a mesma coisa o tempo todo em todo lugar, preenchida pela mesma coisa, ocupada em tornar minha experiência vivida em uma antologia do marasmo.

Em qualquer um desses dias, em uma hora irrelevante, provavelmente noite pelo tom mais escuro de rosa, indicativo de uma pequena, porém notável, passagem de luz por entre os dentes cerrados daquele véu rosáceo. Nessa dedutível noite, acordado de berço-esplêndido com uma meia escapando do meu pé, resíduo de sonhos intranquilos esquecidos, fiz um desjejum madrugueiro dentro do sonho acordado de outro sonho.

Me sentindo pouco para tudo que preciso ser, devoro o café-da-manhã como um estômago de vaca, rodeado pelo mesmo rosa morador habituado a residir abaixo da derme.

Não sei quanto tempo passo nesse processo de lento progresso. Mastigado, engolido, regurgitado, dentes por todo lado, pouca língua e baixo teor de saliva. Era invisível mas agora é tão presente, tão constante, mal vi chegar e se mostrou em todo lugar. O ar.

Com minha demora, agora o rosa era mais claro, ligeiramente. Dia, levanto da cadeira. Dúvida. Repentina. Curiosidade. Me jogo ao chão e tateio os lados até encontrar um rodapé. Espremo minha retina com a junção do assoalho com o taco de madeira na base da parede. Percebo a lembrança de algo, algo lembrável mas esquecido por um deprimido. Texturas! Cores! Padrões! Pequenas diferenças dentro daquele rosa, não nítidas como minhas exclamações indicam, mas é impossível calcular o alívio de alguém cujas ocupações se mostraram irrelevantes quando o mundo se fechou ao seu redor.

A tarefa era hercúlea demais, demandava muito esforço e muitas vezes batia meu olho em busca de algo que conseguisse se sobressair por debaixo do constante limiar rosa. Não queria ser um contorcionista, o cara com a cara colada na parede, encaracolado pelos planos e beiradas. Valia a pena enquanto ocupação usual, mas nada que pudesse resgatar o ânimo de um pedaço de carne rosa em meio ao mundo que o abraçou à força.

O mundo rosa se tornou cada vez mais escandaloso, gritos e gritos em cor esfaqueando meu cérebro. Fugir com o canto d'olho não era mais apaziguador ao campo da visão.

Quais crenças me restam? Apenas o empirismo radical, a práxis do rosa total!

Andando pelas ruas antes familiares em volta da minha casa, guiado pela audição em um mundo monocromático, viro o rosto na direção que imagino estar o céu. Sinto falta de sua imensidão azul em dias limpos, estendido como um oceano que me separa do infinito. Penso no rosa, se é a cor que caiu do espaço para existir apenas em mim, um anjo caído despejando sua criação deformada sob minha experiência estética-sensorial.

O rosa também é divino, é carne, criação, contudo, também reflete a própria profanação. Incoerente. Ambíguo.

Tais reflexões distraem reflexos e ouvidos. Quase sou atropelado. Um motor velho, conduzido com a força de gargarejos de gasolina, move um motorista raivoso que me xinga, junto com sua parceira buzina. E nada disso importa, pois um azul-escuro invadiu meus olhos, sutil, atrás de um filtro rosado, porém tão potente a ponto de se sobressair e empurrar o rosa para os lados como um ventilador contra a neblina.

Será possível? Em plena violência rosa, um lampejo de azul cor-da-noite possuir minha visão? Tão repentino quanto sua gênese foi seu término, seguindo a carruagem de aço que cuspiu azul-escuro em seu trêmulo andar. A outra cor foi embora, me deixando apenas rosa.

SILÊNCIO. Sem voz. Pensamentos.

Uma solução.

Todo olho em um universo com uma resposta.

Garagem do condomínio. A chave marca minha pele rosada manchada de suor.

Pressiono-a. Ouço um alarme familiar. Desperta memórias perdidas havia certo tempo.

Meu corpo, acomodado ao estofado, inala o cheiro familiar de um ambiente familiar.

Tudo tão familiar, como se estivesse nascendo de novo.

Motor liga, não com um ronco velho e teimoso como o que me causou tanto alvoroço, mas limpo, como se seu som fosse feito de vidro, como os que mantive fechados.

O lado esquerdo do meu rosto sente o calor, e meu olho canhoto que primeiro enxerga.

A-Z-U-L-E-S-C-U-R-O

Passa voando em frente à minha face, como se soletrado. O rosa e o azul não se misturam, como duas qualidades metafísicas que disputam quantitativamente o espaço de minha visão e respiração. A palavra de sua cor é perdida em meio ao texto de sua repetição tomando todo espaço em pouco tempo.

Um contraste, até substituir todo existente. Adeus, Rosa!

E a cor do fundo do oceano foi se perpetuando.

Por toda minha vida.

Minha visão.

Meu pulmão.

AO ACORDAR

Aldeneide Araujo Nascimento



Ao acordar, quero o abraço dos pássaros,
o toque artístico de um mundo mais humano;
daquelas pinturas de paisagens renascidas,
tomadas por formas e geradas por vidas.

Ao acordar, quero o sol em cada face,
no fluente som, viver luminosidade.
Numa brisa tocante em notas de claridade
viver com gosto de puro festejar.

Ao acordar,
não quero sentimentos sem cor
nem paisagens sem flor;
nem os Direitos Humanos contidos “diretos a”.
Ao acordar, quero igualdade na diferença;
quero gente incolor;
com raça e sem cor.

Ao acordar, não quero mais utopias
estampadas no humano.
Quero sentir o gosto da fumaça afogando todo ego,
quero o toque da pureza no imenso navegar.

Ao acordar, quero que o ser humano perceba:
Somos sopro, pó, cinza; tudo e nada.

AULA DE GEOGRAFIA

Durval Rabelo Guimarães Filho



Em uma sala de aula, o professor dialoga com a turma e diz:

— Em pensar que o futuro da humanidade seria o espaço, lembra que havia pesquisas sobre naves espaciais, foguetes, viagem à Lua, Marte e tudo mais... Então, toda a tecnologia empregada a fim de deixar claro a hegemonia da raça humana, tanto saber e conhecimento acumulados, no entanto, não evitou a catástrofe, serviu para potencializar a destruição completa da crosta. É certo que esta mesma tecnologia, hoje, nós a utilizamos para sobreviver. Estes supercomputadores e esta enorme rede de túneis em aproveitamento de cavernas é a prova inequívoca que a vida humana é uma aventura. O ser consciente, que deveria zelar por todos, foi justamente ele o responsável pela ruína que dizimou quase a totalidade dos animais e vegetais da superfície. Agora estamos aqui, presos e lutando na escuridão. Retiramos calor das profundezas do magma, fazemos ar da água que ainda resta nos lagos subterrâneos e no mar poluído. Ainda viajamos pela superfície, árida e quente, quase sem vida, com ar rarefeito; e lá observamos a resistência de algumas espécies de animais e plantas e, quem sabe, de seres humanos, em algum recanto deste planeta, em locais distantes, talvez tenham se adaptados. Afinal, nós sobrevivemos aqui no Brasil, outros podem ter sobrevivido lá também. Em pensar que os primeiros humanos habitavam cavernas e nós, agora, moramos no subsolo. Regredimos e graças a quê? Alguns de vocês poderiam me dizer?

— Professor, a ganância do Homem destruiu o planeta. Fiz uma pesquisa e descobri que no passado sempre havia pessoas que lutavam pela preservação. Mas, infelizmente, o dinheiro falou mais alto, através do lucro; ou da busca ilusória do prazer, através do consumo excessivo, levando-nos à lenta destruição. E, por incrível que pareça, nem foi tão lenta assim. Olha onde estamos hoje!

— Concordo com a Clara, professor. Estamos colhendo os frutos que outras gerações do passado plantaram, não acho justo isso? Vivemos aqui toda a privação possível, é como um inferno, fomos expulsos do Paraíso.

— Boa metáfora Francisco! — interpôs o professor Augusto, com expressão grave e continuou. — Justo não é, garanto que quem nos condenou sabia que a destruição viria. Há muito tempo eles consumiam água de maneira irresponsável, destruíam a terra, desmatavam, poluíam o ar. Hoje estes inconsequentes nem vivem mais... Quem vive somos nós, até quando?

— Eu não quero morrer, nasci aqui no subsolo e conheço a beleza que foi a Terra somente pelas fotos e filmes dos arquivos das videotecas.— Afirma Fernando, o mais otimista da turma. — Será professor que vamos reconstruir o mundo, ele poderá ser como antes, com rios correndo pela superfície, vegetação em abundância e o mar com ondas grandes e ciclos de maré alta e baixa?

— Acredito que sim. — Juliano responde no lugar do professor.

— Como antes, infelizmente, não Fernando. Não para a nossa geração. — Augusto conclui e conta uma história antiga. Meu bisavô me disse que no tempo dele havia próximo desta região que habitamos um Pantanal, a maior planície alagada do mundo. Uma rica fauna e flora com animais e aves de pequeno e grande portes. Pois então, um ecossistema em que havia épocas de cheias e de estiagem, num ciclo harmonioso. A Terra é um organismo vivo e o que ocorre no outro lado do planeta afeta como um todo as demais partes.

— Mas professor, nós vamos cuidar melhor, fazer o que eles não fizeram. — Insiste Juliano.

— A destruição chegou aos poucos, — continua a explicar Augusto — pois, na busca pelo progresso e comodidades, o homem

poluiu o meio ambiente, conseqüentemente causou a desertificação da crosta. As indústrias, os carros, aviões e navios com gases nocivos afetaram a atmosfera e o planeta aquecia ano após ano. Queimadas e desmatamentos, sempre a pretexto do progresso, eram constantes em busca de espaço para plantações e criação de gado. A Amazônia, graças ao aquecimento global e ao desmatamento, devido à retirada da rica camada de húmus da floresta, foi se transformando aos poucos em vários bancos de areia. Estudando o passado distante do planeta, verificamos que o deserto do Oriente Médio, por exemplo, já fora como a Amazônia do tempo dos pais do meu avô, rica em biodiversidade. Na nossa última aula vimos o filme, lembrem-se de como era bela a floresta tropical, agora é um deserto que foi invadido pelo que restou do mar agonizante. Mas, continuando a falar sobre nossa região, primeiro veio a seca, com o fim das chuvas vindas da Amazônia, dizia meu avô; depois, os próprios homens atearam fogo e, em meses de destruição, as chamas mataram queimados animais e flora. Os rios secaram e o deserto da Amazônia juntou-se ao do Pantanal.

— Professor a Serra de Bodoquena, onde estamos, é próximo deste deserto?

— Bem pertinho, já estive lá em cima, tempos atrás, quando eu era criança e o ar, ainda, respirável. Foi quando meu pai e avô contaram que, devido a catástrofe iminente daquela época, os europeus, americanos, chineses e soviéticos resolveram investir na ideia de fugir para outros planetas e viram que não dava. Então, durante muitos anos, na fase de transição, os cientistas se juntaram e criaram esta tecnologia de aproveitamento de canais subterrâneos; onde antes corriam rios por debaixo da terra, ao secarem, tornaram-se verdadeiras ruas por onde nos comunicamos com os demais estados do Brasil. E o mesmo ocorreu nos outros

países. Hoje em dia, voar é perigoso, a navegação é a única forma de nos manter conectados uns com os outros. Nossas casas são nas profundezas da terra, nosso ar fabricado com água salgada do mar moribundo. Sorte que aqui onde habitamos ficou o maior lago subterrâneo da América Latina, o Aquífero Guarani, de onde retiramos o precioso líquido que bebemos de forma racionada. Portanto, jovens, respondendo à pergunta que me foi feita, mesmo sendo um otimista, acredito que voltar a ser exatamente como antes não é possível. Estudiosos atualmente tentam recuperar a crosta com plantações que não vingam por falta de água e devido às altas temperaturas. Nossos mineradores descobriram, com a retirada do magma, minerais capazes de gerar energia, aquecer as estufas e através da luz artificial fabricar o sol que necessitamos para produzir o nosso alimento e o dos animais domésticos. Talvez, o lado bom seja que não consumimos mais carne. Os poucos animais selvagens que sobreviveram estão livres, mas com a cruel sorte de viverem na superfície agonizante. Nós aqui, vivemos como tatus, vocês sabem, né! Sem proteção nossa pele tosta lá em cima, ainda mais que há anos habitamos aqui embaixo.

— Oh! professor Augusto, isso é desanimador. Você não acha que deveríamos ter esperança? — Pergunta Juliano com um ar de preocupação.

— Esperança! Certamente, se estamos vivos é graças a ela e a perseverança pela luta em sobreviver. Eu vivi a fase de transição, aquela em que o planeta morria, foi muito triste. Eu também não conheci a Terra em sua plenitude, mas quando eu era criança vi árvores e rios agonizarem. Cheguei a ir ao mar e molhei os pés em água salgada. Ainda com a poluição em fase não mortal, como é hoje. A morte crescente dos corais e peixes, devido à falta de oxigênio e ao aquecimento, tornou o mar impróprio para o ser

humano, com cheiro horrível e inóspito à vida. Ainda em resposta a sua pergunta Juliano, — fala o professor enquanto gesticula com as mãos — com o tempo, acredito que o planeta renasça, porém, será um processo lento. Esperança eu tenho, mas com a certeza de que a ciência deve prevalecer e é baseado nela que devemos planejar o nosso futuro. Afinal, o Homem do passado ignorou os avisos e só pensou na sua egoísta busca pelo prazer, nós temos que ser diferente.

— Professor, têm vídeos que mostram o Pantanal em harmonia com a natureza, povoado pelos animais e aves em seu habitat preservado? Podemos assistir agora? — Pergunta Francisco, curioso. E ainda acrescenta. — Amo os animais, tenho vários de estimação.

— Tenho vídeo sim, vou colocar para vocês verem. Tem um que aparece a onça-pintada e uma enorme cobra sucuri. Gosto muito deste filme.

O filme sobre o Pantanal já estava no fim quando um aluno chama a atenção de todos na sala de aula, sorri e mostra que o professor Augusto, naquela manhã chuvosa, estava com os olhos fechados, dormindo sentado. Depois da algazarra, o professor acorda pedindo desculpas e diz que estava sonhando. Olha pela janela, vê um enorme pé de Ipê florido no pátio da escola de Campo Grande. Prometeu que contaria seu sonho e afirmou que se antes ele já era um adepto das causas em favor da natureza; agora, então, seria muito mais...

O silêncio reina na sala e o professor conta seu sonho e diz que o planeta, no futuro, não muito distante, estava correndo um sério perigo, com os seres humanos vivendo em cavernas...

O HOMEM QUE DEVIA A EXÚ

Felippe Pimenta Rodrigues de Oliveira



Em meio ao café da tarde Maurílio chega esbaforido contando ao pai que vira a irmã com uma amiga nova na faculdade, indignado com a banalidade do comentário Antenor dispara: “E daí? Qual o problema nisso”? O rapaz em tom sarcástico fala: “É que ela é crioula, achei que deveria saber disso” e sai batendo a porta. O pai desconcertado seca a xícara de café num único gole. No alto da noite após chegar da igreja, o pai vai ao quarto da filha saber de quem se trata a nova amiga, mas desiste do interrogatório ao encontrá-la novamente passando mal. Exausto em vê-la naquela situação, pergunta: “Tá com falta de ar e tontura de novo? Já te disse Lucinha, você precisa emagrecer, é esse sobrepeso que tá te fazendo mal”. Abatida e indisposta, ela encerra a discussão dizendo que já tem consulta marcada num lugar e que vai se cuidar. Na manhã seguinte, após a saída dos filhos para faculdade, Antenor chama Mina, a senhora que passa as roupas da família, para partilhar do café.

— Mina, tô muito preocupado com a saúde de Lucinha.

— Eu também Toninho, porque o senhor sabe, que ela sofre do mesmo que o senhor sofria...

— Vira essa boca pra lá mulher, o problema dela é que tá gorda e nada faz pra mudar!

Mina levanta-se e caminha em direção à lavanderia enquanto o recorda de que foi ela quem percebeu os primeiros sinais dele quando criança e convenceu seus pais, Dona Laura e Seu Inácio, a o levarem na casa de Vovó Margarida. Antenor irritado apanha seu blazer e sai resmungando: “Mas isso nunca vai acontecer, nunca com um filho meu!”

Há algum tempo Lucinha vinha tendo episódios de crise respiratória e tontura, chegando mesmo a desmaiar no ônibus e perder aulas na faculdade. Num desses dias apagou completamente no laboratório e como cursa medicina foi prontamente socorrida pelos professores e levada ao hospital. Correram todo o tipo de exame, mas nada. Os médicos disseram-lhe, inclusive, que seu peso sequer era um problema. Maurílio não se conforma em ver todo dia a irmã com a tal amiga pelos corredores do campus, o rapaz acha que gente branca não deve se misturar com negros porque a cultura deles é incompatível. Ao avistá-las juntas na lanchonete as interrompe abruptamente: “E aí Lucinha, comendo de novo? Papai disse que tá doente porque tá gorda!” Voltando-se para a amiga da irmã: “Oi, eu quero um misto quente e um refrigerante, mas bem gelado, viu?” Lucinha fica indignada e avança sobre o irmão:

— Você é um babaca mesmo, né Maurílio! Essa é Inaiá, minha amiga, ela não trabalha aqui, ela estuda aqui!

Em tom de deboche o rapaz mede Inaiá da cabeça aos pés: — Ah! Não foi por mal, é que não vemos pessoas parecidas com você entre os alunos, geralmente são sempre funcionários...

Inaiá extremamente nervosa cruza o pátio embaixo de chuva e corre para o ponto de ônibus, Lucinha a segue em disparada. Em prantos ambas se reúnem sob a marquise de uma loja. Inaiá se expressa com dificuldade: “Não é só o racismo do seu irmão que me chateia, porque ele não é o único que me deseja longe daqui. O que mais me machuca é você!” O ônibus passa e Inaiá parte, o silêncio entre elas ecoa como um duplo pedido de socorro. Como planejado, Lucinha se dirige à consulta a fim de investigar o que

lhe causava os problemas de saúde, o pai se oferece para levá-la, o velho queria de todo jeito provar sua teoria de que Lucinha estava doente devido ao peso.

— Minha filha eu te levo lá, eu mesmo quero falar com o médico.

— Acho melhor não, vou passar com uma médica e quero falar assuntos íntimos se é que me entende, agradeço, mas vou sozinha.

— Ué, mas desde que sua mãe morreu, eu sempre te levei em tudo, até ginecologista, por que isso agora Lucinha?

— Exatamente por isso pai! Eu quero poder falar por mim!

O pai contrariado concorda para encerrar o assunto, mas exige que ao voltar a moça conte tudo o que a médica disse. Lucinha sai apressada, o lugar é longe e teme se atrasar. No caminho ela encontra Inaiá conforme já haviam combinado e seguem rumo ao extremo da cidade. O clima entre elas ainda está estranho, mas Lucinha se sentia insegura em ir sozinha e só confiava em Inaiá.

— Você vai o caminho todo muda?

— Lucinha, nem sei porque tô te levando lá! Lá não é seu lugar!

— Preciso de ajuda, de resposta, e você sabe que lá posso encontrar!

Ao chegar no lugar uma senhora as recebem e orienta que aguardem nas cadeiras em silêncio que em breve o atendimento começaria. Lucinha está ansiosa e o tempo de espera parece consu-

mi-la, decide então ir ao banheiro, ao que lhe é indicada a direção. Pelo caminho ela repara a arquitetura do lugar, as cores, formas, os cheiros, o semblante das pessoas que encontra e antes que pudesse alcançar a maçaneta da porta, ela desfalece, vai ao chão e apaga. Em meio a uma névoa e sons de cânticos ao fundo, Lucinha se vê cercada de inúmeras pessoas vestidas de branco, ela pensa estar sonhando até que uma gargalhada perturba seus sentidos e lhe faz recobrar a consciência. Uma voz arranhada vinda de cima lhe diz:

— Não é bem tu que eu esperava! É que às vezes a carta de cobrança é entregue na casa certa, mas pra pessoa errada!

Lucinha assustada mal consegue se levantar, estava diante de uma figura negra vestindo uma capa preta e roxa com adornos de prata, era como se fosse a própria escuridão da noite iluminada pela luz do luar. Apesar do medo por estar diante de algo que nunca vira na vida, ela sente uma profunda emoção, como se estivesse diante de um amigo que há tempo não encontrava. A enigmática efígie de preto gargalha enquanto empunha um caneco e charuto nas mãos.

— Quer dizer que você vem na minha casa e não me dá um abraço?

Sem pensar ou entender o que se passava no momento, mas tomada pelo sentimento que lhe consumia o coração, imediatamente se lança em seus braços e entre soluços e lágrimas, Lucinha balbucia: “Não sei quem é o senhor e o poder que tem para fazer as coisas, mas eu preciso da sua ajuda...”

— Minha filha como você pode confiar num estranho de capa e cartola estando ainda você tão longe de casa? Cadê teu medo? Perdeu é?

— Não sei explicar o que está acontecendo, só sei que me sinto em casa e com o coração leve agora, é como se eu tivesse encontrado a resposta para todas as perguntas que eu trazia.

— Pois bem, tome isso daqui e leve pra casa, guarde com você! E meu nome não vou dizer, quem vai te contar quem sou é outra pessoa, na hora certa você vai saber. Logo mais te vejo aqui de novo, agora vá se embora que já vai dar a hora grande...

Ainda atordoada pela experiência que tinha vivido ali, Lucinha sai do quarto escuro que estava e cruza pelo salão por onde chegara, mas que agora está tomado por pessoas indumentadas, dançando e cantando freneticamente ao som dos atabaques e cânticos. A moça titubeia, pensa em ficar, trança as pernas, mas Inaiá a toma pelos braços: “Lucinha precisamos ir embora, seu pai deve estar bravo e à sua procura, vai sobrar para você!” No caminho Lucinha tenta entender o que foi tudo aquilo e questiona o porquê de Inaiá não frequentar mais o lugar se era tão mágico.

— Você não sabe de nada Lucinha! É mágico pra você que é branca e só vai visitar quando precisa. Mas você contaria na faculdade que é filha de santo de terreiro? A gente sofre muito por ser preto e praticar a fé do nosso povo...

— Mas qual o problema Inaiá, eu achei lindo, é incrível, eu falaria sim pra todo mundo e sem medo!

— Ah! Falaria mesmo? Então chega em casa e fala pro seu pai que você foi se consultar com um Exú virado no corpo de uma

travesti preta num terreiro de Omolokô lá na favela, aproveita também e fala quem sou eu!

— Acho que você tá exagerando! E daí? É sua gente, sua tradição e eu me senti tão bem, feliz, acolhida... como se estivesse entre os meus!

— Só que não Lucinha! Os seus estão do lado oposto dos meus, os seus perseguem os meus! Você sabe muito bem que seu pai e a turma dele já fecharam vários terreiros com suas campanhas difamatórias e que todo dia nos acusam de sermos adoradores do diabo! Errei em ter te levado lá! Pressinto que coloquei minha família em risco!

Lucinha sabia das convicções do pai, mas não imaginava que Inaiá soubesse mais sobre ele do que ela mesma. Ela não sabia, inclusive, que o mundo fascinante que descortinou sempre foi um segredo presente em sua casa. Ao amanhecer, Antenor estava à postos na cozinha: “Muito bem mocinha, chegou tarde por quê, do consultório tropeçou e caiu numa festa, é?”

— Ixi pai! Deu pra ser adivinho agora? Foi isso mesmo, estiquei da consulta até o aniversário de uma amiga, desculpa não ter avisado!

— Vidente mesmo era sua mãe, eu sou só um pai preocupado!

— Hum.... Que história é essa? O senhor nunca fala da mãe...

— Falei demais, deixa pra lá, mas me conte, e aí o que deu?

— Por agora nada, ele disse que deverei voltar para entender mais o caso...

— Ele? Mas não era uma médica?

— Era pai... na hora as coisas mudaram, mas adorei ele!

— Ok então, mas no retorno faço questão de ir com você!

A filha sorri desconcertada e consente com a cabeça, pega sua mochila e se despede rapidamente do pai dizendo estar atrasada para aula. Neste exato momento, do bolso de sua mochila escorrega um fio de contas dado pela entidade na noite anterior. O pai rapidamente pula sobre o objeto o tomando pela ponta dos dedos com cara de nojo e esbraveja:

— O que é isso Lucinha, por onde você andou essa noite, eu conheço muito bem esse artefato! Onde você estava com a cabeça menina?

— Ainda bem que você descobriu então, é isso mesmo pai, ontem foi num terreiro me consultar com um Guia, estava cansada de ser revirada por médico e não ter resposta nenhuma!

— Você não faz ideia do perigo que correu nesse lugar! Por que então não foi comigo para igreja, os irmãos sempre perguntam de você, lá tem cura, tem oração, tem tudo...

— Eu não me sinto acolhida lá pai! Lá não tem nada a ver comigo, lá me sinto diferente, perdida, sozinha...

— E você acha que ia se sentir acolhida onde, no terreiro de macumba, é? Se consultando com demônios? Você sabia que esse fio que te deram é de um desses Exús?

— Sim! Nunca me senti tão bem, me senti protegida, cuidada, lá me receberam como eu sou, sem querer me mudar. O Guia me deu um abraço que nem o senhor nunca deu!

— Você foi se aliar logo com Exú? Saiba que um desses demônios chamado Seu Capa Preta me trapaceou um dia e tão fazendo o mesmo com você! Foi Mina que te levou nesse lugar? Mina! Venha cá já!

— Não! Mina não tem nada a ver com isso, uma amiga minha me levou, o terreiro é da família dela, era da avó e hoje é da tia!

— Você perdeu completamente o juízo Lucinha, e por acaso essa amiga é a pretinha que você anda pra cima e pra baixo na faculdade? A que seu irmão falou?

— Não fale assim dela! Seu maldito racista! Ela tem nome! E saiba você que Inaiá não é só minha amiga, é minha namorada também!

O pai em um lampejo de fúria parte para cima de Lucinha a arrastando pela casa aos tapas enquanto Maurílio e Mina tentam segurá-lo sem êxito. A moça se estrebucha no chão, parece estar convulsionando, a confusão então é interrompida e a ambulância chamada. Já no hospital, Lucinha é internada na UTI, a moça teve um início de derrame e foi induzida ao coma até que a equipe médica entendesse o caso. Antenor está desolado, por um lado teme que Lucinha tenha o chamado espiritual que ele mesmo teve quando criança e por outro teme que ela padeça como a mãe. Mina chega ao hospital acompanhada de Inaiá e se depara com Antenor à beira do leito: “Ela lembra tanto a mãe dela, não é Toninho?”

— Sim Mina, até a teimosia é igual, eu só não queria perde-la também. Eu não vou aguentar, dessa vez não. Mina! Me leve até Exú, ele disse que sabia sobre Ivone deverá saber sobre Lucinha. Espero por esse dia há anos!

— Eu vou ficar aqui com minha menina. Mas Inaiá vai te guiar até lá, como você sabe ela é neta de vovó Margarida e agora sua nora também, vocês têm muito a conversar!

No longo percurso até o terreiro seguem calados, até que Antenor indaga: “Há quanto tempo vocês estão juntas?”

— O senhor realmente quer falar sobre esse assunto agora?

— Claro que sim, tudo que tô fazendo é por amor à Lucinha, me diga, ela se sente feliz com você? Você faz bem pra ela?

— Seu Antenor, eu conheci a Lucinha numa das suas tentativas de suicídio, na última delas eu a salvei, desde que estamos juntas ela nunca mais quis tirar a própria vida, mas acho que ela só seria mais feliz se...

— Não precisa continuar... eu sei!

Chegando ao terreiro filhas de santo já os aguardavam na porta como se soubessem da vinda deles. Uma delas toma um pequeno vaso de barro com água, faz círculos em torno da cabeça dos dois e joga três vezes na rua. Ao adentrarem no barracão tomado pela fumaça dos incensos, se deparam com um grande pilão de madeira escura amarrado com um laçarote branco, sobre o qual repousava uma gamela repleta de um guisado de quiabos e recoberta de acarajés. Uma das filhas ordena que eles coloquem a cabeça no chão diante do pilão em forma de reverência, pois um Orixá estava comendo ali. Rapidamente Antenor se posta ao chão como se já conhecesse toda ritualística, permanece imóvel por alguns instantes e cambaleante levanta, sendo amparado pelas filhas de santo. Ele está profundamente emocionado, desorientado como se estivesse num transe, recobrando memórias perdidas de algo que já viveu, mas que estava adormecido. Uma das filhas de santo o toma pelo braço e o conduz até o cômodo paralelo ao salão central. Uma voz rouca e profunda ressoa no ambiente escuro e esfumaçado:

— Você sabe que dia é hoje?

Antenor com a voz trêmula responde: — Quarta-feira!

— E hoje é dia de quem? Você já não se lembra mais Toninho?

Em prantos e já de joelhos: — Nunca me esqueci, hoje é dia de meu Pai Xangô!

— Eu te espero aqui há muito tempo, meu “kavalu” já não é o mesmo como vê, a velha cumpriu a missão dela. Mas eu fiz questão de continuar vindo na filha pra ter a chance de botar os olhos em você de novo!

— Mas o que o senhor quer de mim Seu Capa Preta, já não basta não ter feito nada pra poupar a vida de Ivone, eu tinha tanta fé nisso aqui, e vocês num fizeram nada!

— Cê sabe muito bem que o caso dela não tinha jeito, nem os homem de branco nem eu de preto podia mudar o destino dela, mas você se revoltou Toninho...

— Me revoltei sim! Por que Ivone? Ela ajudava tanta gente, servia aos Orixás, aos Guias, e por que vocês abandonaram ela?!

— Ninguém abandonou ela, nem você nem sua família, nem a gente! Você foi engolido pela dor do luto e nutriu um ódio por mim. E passou a perseguir nosso povo!

— Sim! Odeio esse lugar, todos macumbeiros e acima de tudo odeio você! E prego pelos quatro cantos pra impedir que mais inocentes sejam iludidos como eu fui!

— Toninho, sinto muito por Ivone, mas é Zambi quem sabe a hora de cada um.

Descontrolado Antenor grita: “Então agora você quer me punir, é Exú?! Agora vai me tirar Lucinha também, quanto eu te devo? Me fale, é pinga, charuto, ouro, um galo ou bode, dinheiro?”

— Lucinha é médium como você e Ivone! A saúde dela vai se restabelecer e em 7 dias ela tá de pé, não se preocupe! Precisei dela pra te trazer aqui, mas meu negócio mesmo é contigo! Sim Toninho, você me deve e muito! Mas não é nada do que você falou, você deve sim é respeito ao meu povo de terreiro! Cesse sua perseguição, chega de ódio e difamação, cure seu coração homem! Não foi a Makumba que selou o destino de Ivone, foi Deus! O mesmo Deus que você clama na tua igreja, respeite o que vem do alto! Olha o que esse coração amargurado fez com tua família, por que viraste esse homem preconceituoso, duro, insensível, tão cruel com os outros e consigo mesmo? Olhe dentro dos meus olhos...

O Exú se ajoelha junto à Antenor e fixa os olhos nele dizendo: “Posso vê nos seus olhos aquele menino franzino que chegou aqui e me deu um abraço apertado sem ter medo de Exú, sei que esse menino vive aí dentro, deixa eu revê-lo uma última vez?” Chorando Antenor desmorona e se aconchega no colo de Exú que o acaricia como um filho pequeno. Toninho e Exú se viram pela última vez neste dia, Seu Capa Preta desde então nunca mais baixou em terra.

Antenor aprendeu que dever ao povo é dever a Exú, porque Exú vive pelas ruas da cidade socorrendo as vítimas de injustiças. Ele não largou a igreja, mas mudou para um desses ministérios inclusivos que acolhem os grupos marginalizados, ele achou mesmo que tinha que ficar para reeducar aqueles que como ele aprendeu a odiar, virou uma missão pessoal. Como advogado e filho de Xangô decidiu ainda pagar o que devia com o que sabia fazer, criou um escritório voltado ao acolhimento do povo de terreiro a fim de garantir os direitos negados pelo sistema e os defender das violências do racismo religioso. Lucinha e Inaiá se casaram e tiveram uma filha amadrinhada pela velha Mina. Mas nem tudo

foram flores, Maurílio se revoltou com os rumos do pai e da irmã e em uma de suas viagens a trabalho como engenheiro, sumiu e nunca mais apareceu.

No terreiro de Vovó Margarida, sua filha Rosana segue preservando a tradição ancestral de sua família, tocando as giras, dando de comer ao santo, socorrendo a população carente... salvando vidas. É sexta-feira, dia de Oxalá, todos vestem branco conforme os preceitos. Pela manhã as filhas estão arriando os pratos de canjica, comida do Orixá da paz, tudo é feito em profundo silêncio sob o comando da Mãe de santo. Mas o remanso é interrompido por fortes batidas na porta e ruídos de tratores. Ao abrir, é Maurílio empunhando um grande envelope vermelho e gargalhando ironicamente:

— Estão na rua, despejadas! Cadê teu Exú gargalhando agora? Parece que quem ri por último, ri melhor!

Todo dia desde aquele dia da invasão às terras africanas, a paz do povo preto é roubada, por isso os Exús seguem baixando. Enquanto o branco fizer dívida, Exú fará a cobrança!

DESENVOLVER

Miriam Araujo Nascimento



Encontro, circularidade, enlace, devir...
Quando pensei em escrever
Sabia que outra mão encontraria a minha
Para me ajudar a DESENVOLVER

Sem perder tempo semearam...
Mesmo sem eu convidar,
Um as letras às outras se juntaram
Uma a uma, as palavras a convocar

Encontro, circularidade, enlace, devir...
Língua com língua? Movimento
Cor com cor? Textura
Imagens com linguagens? Cultura
Destreza com imaginação? Acontecimento

Encontro! Gênese e tecnologia
É tempo de fertilidade.
É tempo de humanidade!
Bem-vinda etimologia!
Saudações graciosa verdade
É tempo de ENVOLVER.

Encontro! O primeiro parece o mais esperado,
O entusiasmo encobre o semblante,
Porém, nem sempre é o mais importante;
O último, a depender das circunstâncias,
Se favorável, é preferível que seja adiado...
Se adverso, que se finde no mesmo instante

Encontro! Com o Espírito Santo? Nascimento...
Presença de Deus em mim.
Inestimável! Reverberação!
Para a minha fé? Alimento.
Incalculável! Edificação!
Ser completo no Ser,
Mesmo na complexidade e incompletude de ser!

Desenvolver, envolver, volver, ver
Circularidade! Entre um fluxo e outro;
Conhecimento! Entre equilíbrio e ouro
Desnude de realidades,
Contemplação de possibilidades,
Possibilidades de contemplação
Interação tomada de integração

Enlace! A minha pele veste...
Encontro Precioso! Salve Abayomi!
Tradição: minha alma canta.
Contemporaneidade: meu corpo dança.
O existente se atrela ao inexistente,
Criando qualidade no VOLVER

Devir! Concerto em comunicação!
Ou quem sabe contínua formação?
Encontro líquido como a modernidade?
Ou permanentemente configuração?

Devir! O simbólico caminha com o real
Produzindo riqueza intelectual;
As palavras enxergam! Elas sabem antever,
Mas a mão, a tecnogênese, e a cabeça
Ensinam as palavras a VER

Encontro, circularidade, enlace, devir
Desenvolver, envolver, volver, ver
Eis aqui enunciados do desenvolver

MEU SERTÃO MORAVA NA ALDEOTA

Aurora Almeida de Miranda Leão



Foi pequenina numa casa da qual lembranças esparsas aparecem vez ou outra, algumas na memória conservadas com vigor. Uma dessas fixou um velocípede lilás: nele fez as primeiras voltas fora das paredes de casa, circundando o entorno do quarteirão com o pai, amigo querido e constante, sempre ao lado a guardar os caminhos e garantir amparo. Certa vez, ao passar por uma casa de esquina - grande para seu olhar de criança descobrindo o mundo -, na qual residia médico bastante conhecido na cidade, foi surpreendida com um jato de água caindo sobre si e seu brinquedo querido. Guardião audaz, o pai imediatamente intercedeu, reprovando a agressão do jardineiro.

Do outro lado da rua, dava para ver um muro, resguardando terreno baldio dos fundos da igreja onde assistira com a mãe às primeiras missas. No tapume descascado, havia um buraco a despertar curiosidade. Um dia descobriu: no espaço cercado havia um pé de planta, do qual era possível colher tamarindos, e deve ser pelo sabor de infância atrevida que conserva até hoje o gosto pelo azedinho do fruto, como se ele avisasse do quanto são enganosas as aparências. Afinal, sabores novos e vivências diferentes podem vir embrulhados em formas inusitadas.

Há ainda outra fruta, cultivada nos escaninhos do sentimento, a reacender dias de feliz inocência e livre adolescência: a seriguela. Porque sempre houve delas um pé no quintal de todas as casas nas quais viveu. Do endereço inicial, a garota tímida e doce, cujo medo do escuro era companheiro indesejado, recorda também o primeiro animalzinho: um gato. Um dia, por uma dessas mágicas que adulto cria para descobrir até onde vai o gosto pela fantasia, o felino apareceu anil: alguma moça que trabalhava ali resolvera aplicar azul de metileno no bichano. Verdade é que ficou bonito,

aproximando infâncias que dialogam em silêncio.

Só depois de adulta, descobriu existir lugar de morar que não é exatamente uma rua: a sua era uma travessa e chamava Guaramiranga. Ainda hoje existe, pequeninha e pouco conhecida, resistindo à velocidade ilógica do tempo nas grandes cidades, preservando o nome tão poético, pelo qual afeiçãoou-se de antemão à serra cearense homônima, serena, verde e aprazível. Mais tarde, na casa segunda para onde sua meninice foi levada, aprendeu a gostar ainda mais de quintal, flores, plantas, frutas e animais. O primeiro cachorrinho era um elegante *Cocker Spaniel*, preto e branco, batizado de Ping tão logo descobriu um irmão do filhote, vendido antes, e chamado Pong. Ela e o pai adoravam Ping. Gato apareceu só depois, também preto e branco, o qual batizou de Pompom, por sugestão do pai, companheiro de todas as ternuras.

Colecionava gafanhotos. Nas tardes descalças e despreocupadas das ruas pacatas onde desfilava sua meninez, era comum passear com alguns espécimes. Havia de várias cores, formatos e tamanhos: levava-os amarrados em cordões, que faziam às vezes de coleiras, sem esconder a alegria por sua coleção. Acreditava uma prova de coragem cuidar de insetos tão esquisitos e mal-amanhados.

Tomate com sal, abacaxi com açúcar, pipoca com abacate, goiaba com biscoito, rapadura com queijo do sertão, abóbora com suspiro: eram guloseimas das tardes ensolaradas do tranquilo bairro da Aldeota, polvilhando de contentamento os encontros com as poucas amigas moradoras do entorno da casa dos pais. Por volta dos seis, a conversa dos adultos foi explicando sobre o lugar acolhedor onde morava. Começou a entender uma singularidade de contexto naquelas paragens tão pouco habitadas, por onde carros escassos circulavam, mas havia sempre pessoas a passar vendendo

doces, picolés (alguns podiam vir premiados e o comprador levava outro de graça), chegadins, alfinins... provavelmente isso explicasse o costume da mãe – linda e amorosa -, a repetir com frequência: “Isso aqui é um areal perdido nos confins de Fortaleza, este sossego todo é porque a gente vive no meio de um sertão”.

Só muito tempo depois, quando a poética literária de Euclides da Cunha ancorou em sua cabeceira, entendeu estar reencontrando um rincão do qual a vivência de infância era sutil e preciosa amostra. Talvez por isso, a descrição pormenorizada feita pelo escritor no capítulo de “Os sertões” (1902) dedicado à Terra, foi a de repercussão maior e imediata na sua emoção. Entranhada nas belas e sábias palavras euclidianas, havia uma réstia das belezuras interioranas persistindo a idade da sua candura. Decerto, o sertão vivia adormecido nos escaninhos da alma desde aquela nesga temporal onde o azul do céu inspira e traduz coisas belas, o verde dos jardins polvilhados de flores lembra um caminho de contos de fadas e o clarão do sol apetece o gosto por brincar e a vontade de tomar banho de mar, cachoeira ou piscina com cascata.

A casa da infância, onde viveu também a adolescência inteira, foi conservada em mim como o sertão batizado por minha mãe naquele tempo de Fortaleza com poucos moradores e Aldeota ainda por descobrir. Era mesmo um imenso areal, da zona central bem distante, naquele tempo no qual se dizia “Vamos à cidade hoje?” para alcançar o coração da vida urbana.

O sertão passou a ser, desde então, lugar habitado pela tranquilidade, onde moravam calma e bonança, comida gostosa não faltava, amigos sempre apareciam e brincadeiras se sucediam, intercaladas com horas de estudo e balanço na rede para ouvir histórias cheias de personagens fantásticos e situações intrigantes,

contadas amiúde pelo pai, temperadas com gostinho de suspense e vivificadas por invencionices recolhidas da destreza popular.

Antes disso, morávamos em endereço doado pelos pais de meu pai: como gostava daquela casa de muro branco e árvores frondosas, bangalô de dois andares situado na avenida Rui Barbosa. Ali ouvia-se música de todos os matizes e, nas tardes sem fim dos almoços fartos, encantaram-me as criações de Lamartine Babo (a quem meus avós chamavam Lalá), compositor dos hinos dos principais clubes de futebol cariocas, todos lindos, até hoje sabidos de cor. Cada um dos filhos devia escolher um clube para torcer, conforme a melodia preferida. Escolhi o Botafogo, desde sempre fascinada por estrelas, embora meu pai repetisse ser do América o mais bonito por ser o time do coração do poeta.

Na sala onde vovó Virgínia tocava piano – mesmo sem jamais ter estudado música -, a decoração era suntuosa, semelhando alguma coisa com ambiente de novelas de época: uma imponente escadaria de madeira em espiral, um elegante espelho com moldura dourada e um caprichado lustre de cristal, talvez o condão a despertar em mim a encantação primeira pela ficção: até hoje imagino cenas teatrais acontecendo em escadas, engenhosamente arquitetadas para destacar a elegância do figurino feminino e a postura de homens atraentes, espécie de passagem mágica para um reinado imaginário de sonho e magia.

Penso datar dessa época o despertar para histórias contadas com esmiúces sedutores, cheias de sequências de mulheres altivas com refinados vestidos a atravessar o salão em noites de festa e romance.

Repleto de pitangas, sapotis, limões, laranjas e várias outras espécies, o muro do quintal dividia o lar dos avós e o dos pais.

Apesar dos dias alegres de música, abraços, mesa farta e encontros felizes, as noites nunca foram meu forte. Cenas noturnas fugiam constantemente dos meus roteiros: a escuridão convocava medos apavorantes. Para meus pais, a saída nas noites de sexta e sábado era sagrada. Aquilo para mim, criança que depois de grave acidente de trânsito passou a sentir-se indefesa e com medo de tudo, significava um pequeno tormento, a repetir-se toda semana. Sem os pais por perto, o temor ganhava lente de aumento. Numa dessas vezes, a caçula, de tal modo amedrontada estava, que passei a seguir os passos da irmã, oito anos mais velha, por todos os cômodos da casa. Recordo bem o momento em que ela se dirigiu ao quarto das funcionárias, bem distante do nosso.

Ficar sozinha causava arrepios e resolvi segui-la sem ser notada. Lembro de estar caminhando atrás dela, caladinha e apavorada, até que, de repente, meu rosto recebe um tremendo tabefe: “Poxa, menina chata, sai de perto de mim! Que inferno! Pra onde eu vou você vai? O que é isso? Me deixa em paz!”

A memória não guarda o sucedido depois disso, mas a dor do tapa, sem motivo plausível, ainda hoje vive ressequida em mim. É ela quem traz, penosa, pois permanece imantada no meu sonhário, uma desenxabida sensação de injustiça e crueldade, a recrudescer toda vez que o cotidiano assusta ao revelar maus-tratos costumeiros, violentos e inaceitáveis contra pessoas indefesas, ou quando vejo crianças sendo maltratadas, desassistidas, relegadas a segundo plano.

UMA ÁRVORE NA CALÇADA DA CIDADE DE CONCRETO

Mariana Cunha Bhering



Uma árvore na calçada,
uma árvore em pé,
Uma não é pouca
Uma é uma
Uma são todas.

Plantada pelo pai mineiro
Antônio, amoroso, sereno
Estudou até a quarta série
Na cidade de concreto
Foi metalúrgico e pedreiro.

Com a sabedoria da roça
Que viveu e aprendeu desde menino
Se plantar, cuidar e respeitar a terra dá.

Ganhou de um amigo uma muda
No bairro Jardim São Luiz
que residia com sua família
Se perguntou como plantar uma árvore na calçada,
Cuja molecada, brinca e joga bola
Nada parecia resistir as jogadas

Eis que o chão de concreto furou
E plantou
Em seu entorno construiu um forte
Uma fortaleza com restos de madeira
A fechou que parecia um móvel
Não resistiu a força dos meninos e meninas
empolgados com a partida

Antes que destruíssem a pequena árvore
Aprimorou , a nova versão era de grade de ferro
Resistiu
A árvore cresceu
Aumentou com suas raízes fortes.

Cresceu mais,
E não precisava mais de proteção
Ela era a própria proteção
Sua própria fortaleza
De si e de todos.

Castanheira da praia, árvore-de-anóz,
Castanhola, sete-copas,
Amendoeira, caroceiro,
Chapéu-de-sol e guarda-sol
Tantos nomes em uma só.

Uma árvore na calçada
Uma família
Sombra, muitas famílias
Sombra, amigas e amigos
Sombra, inspira e respira.

O básico da vida
Primeiro alimento
Quando se nasce e vive
No planeta água

Água límpida que vem do ar
Que vai para dentro
De mim, de ti , de todos.

Uma árvore na calçada
Galhos, frutos e folhas
Insetos, aves e gatos.

Não é só uma árvore,
É uma em todas.
É o caminho da vida
Dos risos terrestres e cantos que voam.

UNO|OUD

Fernando Guimarães Saves



Entrelaçado ao meu teu corpo
minha boca então continha
cada seiva desse gosto
arrancado por minha língua.

Tuas pernas encerravam
uma pele em face a outra
e quanto mais te vergastavam
meus dedos, gemia louca.

Quando tua mão aqui cingia
tudo em mim se entesava
e a simbiose se fazia
meu e tua, céu e água.

A fricção era cutânea
espargindo para os poros
e na estesia-miscelânea
via a mim nesses teus olhos

Que são espelhos cor de jade
a incendiar minh' alma entregue
redobrando-me a vontade
de ter-te mais, sem ser-me breve.

E nessa alcova fiz morada
em cujos fluidos me molhei
e já raiava a madrugada
quando, absorto, eu acordei.

CONVITE À VIDA! VEM COMIGO

Miriam Araujo Nascimento



Tudo começou com uma pitada de sal
e uma dose de muita luz

Percebemos que mesmo o final
ainda não é o fim
Nem para você, nem para mim

Em meio aos murmúrios da existência
Ou mesmo diante daquela
Amedrontadora falência
Ouvia uma voz,
Havia uma mão

Um convite estava posto
Chamando Eu, Tu, Nós

Em proporção colossal
Todos receberam o convite:
Vem comigo!

Após profunda hesitação
Estendi(emos) a mão...
Mão à mão num crescente resplandecer
Fantástica possibilidade de transcender

Um CAMINHO, uma l-ida
Na VERDADE, aquela voz e, aquela mão
pertencem a VIDA!

A lista de presença estava ali,
Não havia faltantes
Apenas confiantes

Todos receberam o convite.
Todos receberam o convite?
Todos receberam o convite!
Todos receberam o convite...

Vem comigo...

Todos receberam o convite.
Convite à VIDA!



Minamihaujo

SOBRE OS AUTORES

NOAH DE AGUIAR PINHO é graduado em Letras – Português/Inglês e mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Autor de “Puro Desvario” e “Cá Dentro: Pó e Ouro”, “Eu-mãe-natureza” é seu terceiro conto.

WANESSA RODOVALHO MELO OLIVEIRA é doutoranda PPGL-UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, linha de pesquisa: Estudo de Processos de Variação e Mudança e de Descrição. Pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas na Tríplice Divisa entre os estados de MS, MT e GO, nos municípios de Costa Rica, Alto Taquari e Mineiros; e sobre a Sociolinguística nas HQs. Mestre em Letras pela UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. É professora efetiva da Rede Estadual de Ensino - SED/MS. Apaixonada pelas HQs, poesias e contos.

RENAN DA SILVA DALAGO é bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Ensino Superior de Maringá - UniCesumar e Licenciatura em Letras Português/Espanhol e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Especialista em Comunicação, Semiótica e Linguagens Visuais e Psicologia Analítica Junguiana – Perspectiva Multidisciplinar. Mestre em Letras - Estudos Literários no Programa de Pós Graduação - Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul na linha de pesquisa Poéticas da Modernidade, bolsista FUNDECT/CAPES. Possui dois livros publicados.

ANTONIUS GERARDUS MARIA POPPELAARS escreve artigos, poemas e contos. Possui graduação e mestrado em letras pela Universidade Federal da Paraíba. Sua inspiração vem do inesperado na vida cotidiana, representado por personagens em uma situação absurda, mas também reconhecível.

ISMAR DOS REIS MAGALHÃES é Mestrando em Estudos Literários (UEMS). Escreve ocasionalmente em seu blog: <https://ismardosreismagalhaes.blogspot.com/>

MAURÍCIO CINTRÃO FRANÇA, 65 anos, nasceu em São Paulo, SP, e mora em Campo Grande, MS, há oito anos. É jornalista, cronista e artista visual, com especialização em Arte Educação e Cultura Regional pela Faculdade NOVOESTE (Campo Grande, MS, 2021). Atualmente, cursa Licenciatura em Artes Visuais pela UNIASSELVI. Integrou nove antologias de crônicas e tem um livro publicado como cronista (“O Gordinho e a Menina de Rosa” - Editora Prottexto, 2004), além de ter participado de publicações acadêmicas com textos sobre Arte Educação.

KÉVIA DANIELE DA SILVA é mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Regional do Cariri (PPGL-URCA). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Educacional da Lapa (Fael). Especialista em Ensino de História e Formação do Cidadão, pela mesma instituição (Fael). Graduada em Pedagogia (Fael). Graduada em História (URCA). Desenvolve pesquisas sobre: História e Literatura; Literatura Indígena Brasileira; Literatura Infanto-Juvenil de autoria indígena; Ensino da história e cultura indígena.

LÍGIA CHAVES RAMOS DOS SANTOS Licenciada em Letras com habilitação em Português/Espanhol pela Universidade de Mato Grosso do Sul, mestranda pelo Programa de Estudos de Linguagens (PPPGE) pela UFMS com a pesquisa intitulada “Jarid Arraes e seus cordéis: o soar de vozes negras feministas”. É integrante do grupo de pesquisa “Ainda o nosso romantismo nosso contemporâneo?” e bolsista CAPES/CNPq.

JANAÍNA DOS SANTOS MIRANDA Licenciada em Letras com habilitação em Português/Espanhol pela Universidade de Mato Grosso do Sul, mestranda pelo Programa de Estudos de Linguagens (PPPGEL) pela UFMS com a pesquisa intitulada “Ainda aos 40, ainda romântico: A presença do Romantismo nas obras de João Anzanello Carrascoza”. É integrante do grupo de pesquisa “Ainda o nosso romantismo nosso contemporâneo?” e bolsista CAPES/CNPq.

ANNA COSTA é artista, natural de Campo Grande - Mato Grosso do Sul.

JARDEL LUCAS GARCIA é professor, amante de literatura, educação, jogos e cinema. Com uma formação que flutua entre tecnologia e educação, procura combinar essas duas áreas para conectar tanto seus gostos e aspirações individuais quanto para atingir positivamente o máximo de pessoas possível. Da graduação em Sistemas de Informação e também em Letras ao Mestrado em Pedagogia do eLearning (UAb), desenvolve pesquisas sobre esses temas e procura escrever tanto no campo da ficção quanto da não-ficção, do narrativo ao científico, numa aprendizagem diária e contínua.

THIAGO SILVA DE MORAES licenciado em Artes Visuais atua na rede de ensino municipal de Campo Grande e é integrante da Corrida das Drag como a drag Thysmmy Kyssmmy. Além de professor e drag queenie transita pelas linguagens de audiovisual e performance, como nos curtas “Xanya - a Draguerreira” e “Larissa, a quarta amiga”, premiados na Mostra Audiovisual de Dourados - MS e na produção da mostra de performance em Campo Grande - IPêrformático (2014-2018). Atua na produção de eventos, cenografia e através da produtora Najon, em tudo onde a solução seja arte.

ALDENEIDE ARAUJO NASCIMENTO nasceu na cidade de Salvador - Bahia. Ela é estudante, professora, pesquisadora, dedica-se aos estudos das Letras. Leitora dos poemas e livros de Carlos Drummond de Andrade, Gregório de Matos Guerra, Gilberto Mendonça, Clarice Lispector, dentre outros escritores tanto da Literatura Portuguesa, Brasileira e Espanhola; bem como da área de Educação e outras áreas do conhecimento. Ganhadora, em primeiro lugar, do concurso de melhor Redação promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em parceria com o Projeto Universidade Para Todos (UPT) cujo tema da Redação foi “Como construir uma Bahia de todos nós” a qual rendeu-lhe a premiação um computador e uma medalha descrita honra ao mérito. Aldeneide Araujo Nascimento é formada em Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna - Espanhol pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); também Graduada em Letras Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Especialista em Linguagem e Produção Textual pela Faculdade Dom Pedro II e Mestre em Educação pela (UFBA). Faz parte do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING) da Faculdade de Educação (FACED / UFBA). Atua nas linhas de pesquisa Linguagem, Subjetivações e Práxis pedagógica; bem como a Diversidade Linguística e ensino de Língua Portuguesa, a Sintaxe da Língua Portuguesa, a Literatura Brasileira, a Crítica e Criação Literária, a Língua Espanhola, a Educação, a Ludicidade e a inserção das TICs (Tecnologias da Comunicação e Informação no contexto educativo). Possui experiência como docente em cursinho pré-vestibular (Projeto Universidade Para Todos) nas disciplinas de Língua Portuguesa (Gramática e Redação) e em Língua Espanhola (Oralidade, Gramática, tradução e produção textual). Atua também como cronista e poeta, cujas temáticas envolvem fomentar reflexões sobre os temas sociais, naturais e educacionais que fazem parte da vida.

WAYNER TRISTÃO GONÇALVES é artista visual, diretor de filmes, tem publicado os livros: *Urbanidades. Aportes del arte público en la construcción de la mirada en las megalópolis contemporáneas.* (ed. UABC, 2013) e *Eternidade do instante: gifs, loopings, imagem técnica atemporal* (ed. Editus, 2022). Trabalha e vive em Prado, Bahia, onde é professor de Arte e mídias na Universidade Federal do sul da Bahia, UFSB). www.tumblr.com/blog/wtristao , www.vimeo.com/tristaooo , www.vimeo.com/filmesgif , www.youtube.com/tristaooo

VICTOR FINKLER LACHOWSKI é mestrando em Comunicação (PPGCOM-UFPR), na linha de Comunicação & Formações Socioculturais; Integrante do NEFICS - Núcleo de Estudos de Ficção Seriada (UFPR); Bacharel em Publicidade & Propaganda (UFPR); Pesquisador; Redator; Roteirista; Escritor; Apresentador do *Massacre Podcast*.

DURVAL RABELO GUIMARÃES FILHO é professor efetivo da rede estadual de MS, mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), especialista em Mídias na Educação, pela UFMS e em Língua Portuguesa e Literatura: tendências contemporâneas, pela UCDB. Poeta e escritor, membro da UBE-MS, autor das obras *Fantasia Viva* (2006) e *Caderno didático interativo de metodologia da problematização com integração a recursos tecnológicos* (2022). Idealizador do projeto *Ebook Pop* com diversas obras disponibilizadas.

FELIPPE PIMENTA RODRIGUES DE OLIVEIRA gosta de contar histórias ou seriam estórias? Existe diferença ainda? Enfim, conta de um jeito que ninguém sabe o quanto é ficção ou vida real, entre essas escritas ainda atua como Psicólogo clínico, Ator de Teatro e Pesquisador nas áreas de Comunicação e Semiótica.

MIRIAM ARAUJO NASCIMENTO é Artista Visual, Educadora, Historiadora, Curriculista, Poetisa. Professora da rede pública de ensino. Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia. Possui Especialização em Arte Educação: Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, Especialização em Currículo de Formação Científica Tecnológica e Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Especialização em História Social e Econômica do Brasil pela Faculdade São Bento da Bahia, Graduação em Licenciatura em Desenho e Plástica pela Universidade Federal da Bahia. Possui experiência como professora de Artes, Identidade e Cultura, História e Redação em Escolas da rede Pública e Privada de Salvador. Faz parte do Grupo de Pesquisa TIPEMSE (Tecnologias, Inovação Pedagógicas e Mobilização Social pela Educação) da UNEB. Tem experiência na área de Arte Educação, História e TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), com ênfase nos processos históricos, artísticos e tecnológicos. Atua principalmente nos seguintes temas: Vida e Formação Humana integradas aos processos criativos, civilizatórios e culturais.

AURORA ALMEIDA DE MIRANDA LEÃO é jornalista, atriz e documentarista, é doutoranda do PPGCom da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), linha de pesquisa Competência Midiática, Estética e Temporalidade. Mestra em Comunicação pela mesma instituição com a dissertação “Meu pedacinho de chão: sete movimentos à procura da narrativa”. Graduada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), é também especialista em Audiovisual em Meios Eletrônicos pela mesma Universidade. Trabalhou em rádio, jornal e televisão em Fortaleza, sua cidade natal, e lecionou por uma década como professora de teatro em escolas e centros culturais. Escreve contos, crônicas e poemas. É roteirista e diretora

de diversos curtas-metragens, entre esses “A casca avoa e o mio-lo fica” e “Resta um”, lançados com apoio do programa BNB de Cultura. É autora dos e-books “Telenovela: a ficção popular do Brasil”, “O cinema que mora na minha saudade”, “Na televisão na palavra no átimo no chão”, publicados em 2021, e “Teledramaturgia: Meu Pedacinho de Chão e uma metodologia de análise”, lançado neste 2023. Para saber mais, acesse <https://linktr.ee/auroradecinema>.

Endereço eletrônico: auroraleao@hotmail.com

MARIANA CUNHA BHERING é doutoranda em Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/ SP e em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. É integrante do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Cultura e Meio Ambiente - GEAM. É educadora e pesquisadora com interesses nos temas: educação ambiental, história do meio ambiente, Amazônia, protagonismo juvenil e feminino e interdisciplinaridade. Possui vivências em dança contemporânea, coletivos de cinema periféricos, produção de curta-metragens, projetos sociais, fotografia e educação dialógica.

FERNANDO GUIMARÃES SAVES graduou-se em Licenciatura Português-Inglês pela FEF - Fundação Educacional de Fernandópolis (2017) e obteve o título de Mestre em Letras (2020-2022) junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários do IBILCE/UNESP- Campus de São José do Rio Preto- SP, sob a orientação do Prof. Dr. Aguinaldo José Gonçalves. É doutorando pela mesma instituição e programa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Análise Linguística, Literatura Comparada e Literatura Brasileira. É um não-poeta.

PEDRO HENRIQUE DA COSTA cursa artes visuais na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, é artista visual, desenhista e ilustrador digital. **Leu cada texto aqui e fez de cada texto uma ilustração digital única.**

Ilustrações Digitais dos Capítulos dos Textos Originais de
PEDRO HENRIQUE DA COSTA

Ilustrado em Photoshop
Diagramado em InDesign

Fontes Utilizadas

Sabon

Museo Cyril

Montserrat